

4.

## O “problema” da “má consciência”

*O Homem é o animal mais cruel contra si mesmo; e, em todos os que dizem ‘pecadores’ e ‘penitentes’ e ‘portadores de cruz’, não vos passe despercebida a volúpia que há nesses lamentos e acusações!*

*Todas as verdades silenciadas tornam-se venenosas.*

NIETZSCHE

A análise da origem de nossos sentimentos morais não visa tanto a descaracterização ou depreciação do sentimento moral ou a tentativa de procurar investigar uma valoração moral autêntica em oposição aos valores do ressentimento. Mas Nietzsche não pensa existir uma moral ou uma ética, digamos, original ou genuína, da qual poderíamos ter acesso caso soubéssemos quais os procedimentos filosóficos adequados para chegar-se a ela. Em princípio, toda moral é negativa, pois inibe e constrange uma vida que se quer plenamente, limita e sufoca a afirmação de alguém que dá vazão à “sua” “vontade de potência”:

**Uma condenação da vida por parte do vivente permanece, em última análise, apenas como sintoma de um determinado tipo de vida;** nem sequer se levanta a questão de se tal condenação é ou não justificada. Seria preciso estar colocado *fora* da vida e, por outro lado, conhecê-la tão bem quanto um, quanto muitos, quanto todos que viveram, para poder em geral tocar o **problema do valor da vida:** razão bastante para se compreender que este problema é um problema **inacessível a nós.** Se falamos de valores, **falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida:** a vida mesma nos coage a instituir valores; a vida mesma valora através de nós, *quando* instituímos valores (...) Disto se segue que também essa *contranatureza de moral*, que capta Deus como contraconceito e condenação da vida, é apenas um juízo de valor da vida – ***de que vida? De que espécie de vida?*** – Mas eu já dei a resposta: da vida declinante, da vida enfraquecida, cansada, condenada. A moral, tal como foi entendida até agora – como foi, finalmente, formulada por Schopenhauer enquanto “negação da vontade de viver” – é o próprio *instinto de decadence*, que de si mesmo faz um imperativo. Diz ela: “afunda-te” – **é o juízo dos condenados...**<sup>1</sup>.

A questão crucial é perceber que, se esta moral é o resultado de um fato particular, de uma avaliação que aprisiona a criatividade e os instintos, ela é, então, uma interpretação que deve ser questionada. **Para Nietzsche, fazer a crítica do valor é menos importante do que investigar a gênese do próprio valor e suas raízes.** Não existe, revelará Nietzsche, uma origem única para os eventos, quer dizer, o aparecimento de um dado evento é sempre a conjunção de inúmeros fatores históricos e está eivado de inúmeros fatores, ou seja, das idiosincrasias, ambigüidades e contradições de suas protagonistas. Não é possível

<sup>1</sup> NIETZSCHE, *Crepúsculo dos Ídolos, A Moral como Contra-Natureza*, seção 5, pgs.41, 42 (grifos nossos).

depurar através da filologia ou filosofia uma suposta origem “pura” dos acontecimentos, pois os conceitos de bem e mal são o resultado da **luta de forças** em que forças ativas, afirmadoras dos instintos, e as reativas, como a moralidade judaico-cristã - a moral do “escravo” -, vão se confrontar. Após este enfrentamento, é a moral dos “escravos” que vai triunfar e, arbitrariamente, estabelecer valores.

O problema não será a forma arbitrária com que estes valores vão se fazer impor, mas, sim, que tipo de valores serão estes. As “sociedades” aristocráticas impõem o seu estilo com dureza, mas para favorecer e possibilitar o florescimento de tipos disciplinados e criadores, não para coibi-los. É sempre com violência que um tipo de cultura se impõe, pois, não existe, em Nietzsche “contrato social”. Mesmo a origem das classes nobres tem como antecedente a “arbitrariedade” dos instintos na sua base. Consideramos a citação a seguir uma das mais fascinantes e impressionantes que Nietzsche escreve sobre o surgimento do tipo afirmativo ainda em estado “primitivo” no cenário da vida humana:

Tais seres são imprevisíveis, eles vêm como o destino, sem motivo, razão, consideração, pretexto, **eles surgem como o raio, de maneira demasiado terrível, repentina, persuasiva, demasiado “outra”, para serem sequer odiados.** Sua obra consiste em instintivamente criar formas, imprimir formas, **eles são os mais involuntários e inconscientes artistas – logo há algo novo onde eles aparecem**, uma estrutura de domínio *que vive*, na qual as partes e as funções foram delimitadas e relacionadas entre si, na qual não encontra lugar o que não tenha antes recebido um “sentido” em relação ao todo. **Eles não sabem o que é a culpa, responsabilidade, consideração, esses organizadores natos; eles são regidos por aquele tremendo egoísmo de artista, que tem o olhar de bronze, e já se crê eternamente justificado na “obra”, como a mãe no filho. Neles não nasceu a má consciência, isto é mais do que claro – mas sem eles ela não teria nascido, essa planta hedionda, ela não existiria se, sob o peso dos seus golpes de martelo, da sua violência de artistas, um enorme *quantum* de liberdade não tivesse sido eliminado do mundo, ou ao menos do campo da visão, e tornado como que latente.** Esse instinto de liberdade tornado latente à força – já compreendemos -, esse instinto de liberdade reprimido, recuado, encarcerado no íntimo, por fim capaz de desafogar-se somente em si mesmo: isto, apenas isto, foi em seus começos a *má consciência*<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, II, seção 17, p. 75.

O tipo nobre que Nietzsche investiga também foi violento e bárbaro, no sentido de dar livre vazão a seus instintos, mas foi, digamos assim, refinando-se à medida que aprendia a dominar as suas paixões. Tal refinamento, para o filósofo, tem uma conotação muito negativa, pois o homem vai tomando – literalmente – consciência de seus atos e deixando de ser espontâneo. Tal processo de introjeção dos instintos vai tornando o homem mais culpado, o que tem uma implicação nas características do *übermensch*, uma vez que pensamos ser ele/ela um amálgama de atributos herdados - **assim como o tipo nobre traz em si seu passado selvagem e o refina**. Nas origens do *pathos* aristocrático, o homem nobre diz Nietzsche:

**Não é melhor que animais de rapina deixados à solta.** Quando no ermo, eles desfrutam da liberdade de toda coerção social, na selva se recobram da tensão trazida por um longo cerceamento e confinamento na paz da comunidade, **retornam à inocente consciência dos animais de rapina** como jubilosos monstros que deixam atrás de si, **com ânimo elevado** e elevado equilíbrio interior, uma sucessão horrenda de assassínios, incêndios, violações e torturas, como se tudo não passasse de brincadeira de estudantes, convencidos de que mais uma vez os poetas muito terão para cantar e louvar<sup>3</sup>.

No momento a seguir, Nietzsche então é muito enfático e, assim nos parece, diz algo muito interessante e importante, tanto para a análise da origem de nossas avaliações morais, quanto para as origens do que pode haver de melhor ou nobre, segundo a sua acepção. O ancestral do tipo magnânimo, o passado de um tipo elevado como o aristocrata nietzschiano é a besta, a selvageria em estado bruto:

**Na raiz de todas as raças nobres é difícil não reconhecer o animal de rapina, a magnífica *besta loura* que vagueia ávida de espólios e vitórias;** de quando em quando este cerne oculto necessita desafogo, o animal tem que sair fora **tem que voltar à selva – nobreza romana, árabe, germânica, japonesa, heróis homéricos, vikings escandinavos: nesta necessidade todos se assemelham. Foram as raças nobre que deixaram na sua esteira a noção de ‘bárbaro’, em toda parte aonde foram; mesmo em sua cultura mais elevada se revela consciência e até mesmo orgulho disso**<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, I, seção 11, p.32 (grifo nosso).

<sup>4</sup> *Idem*, pgs. 32, 33 (grifos nossos).

**Quando uma ação ou um impulso é reprimido, antes mesmo de escoar para fora, ele “naturalmente” se desloca para dentro e produz-se o que Nietzsche chamou de afeto do ressentimento.** Num momento posterior, o ato interiorizado vai causar dor, e, novamente, sair, mas, desta vez, ele se exterioriza como uma revolta, um ódio contra o que ou quem o obrigou a não agir instintivamente, isto é, a revolta vai ser direcionada para o mundo. A partir daí, todos os valores produzidos estarão irremediavelmente comprometidos com ressentimento, revolta e vingança. O sacerdote é o personagem histórico que Nietzsche identifica como aquele que intervém neste processo, em que a revolta produzida pelo ressentimento - para não ameaçar a comunidade do indivíduo ou sua própria vida -, será transformada em culpa, em “má consciência”. Apesar de Nietzsche denunciar a moral religiosa na figura do sacerdote, no processo de socorrer aquele que não suporta mais seu próprio ressentimento, é importante lembrar que a decadência das religiões na modernidade não impediu que os valores que ela produziu se enraizassem e se tornassem crônicos no imaginário da civilização. Esta será chamada por Nietzsche de **“rebanho”**, pela sua subserviência à noção de que, para o “seu próprio bem”, todos devem ser iguais agindo e pensando sob uma mesma moral. Portanto, quando Nietzsche fala em sacerdote, religião, ele não está atacando somente a dogmática teológica judaico-cristã, mas todos os valores do ressentimento presentes nas valorações humanas.

No ressentimento, se os atos - por assim dizer, manifestações do instinto - não se efetivam, eles criam ressentimento e produzem valores. Eles, os atos, voltam-se para dentro e se tornam forças reativas, ressentidas. Para Gilles Deleuze, o ressentimento pode ser definido como o império das forças reativas porque:

... designa um tipo em que as forças reativas imperam sobre as forças ativas. Ora, elas podem imperar de um só modo: **deixando de ser agidas.** (...) Se perguntamos o que é o homem do ressentimento, não devemos esquecer este princípio: ele não re-age. E a palavra ressentimento fornece uma indicação rigorosa: ***a reação deixa de ser agida para se tornar qualquer coisa de sentido. As forças reativas imperam sobre as forças ativas porque se furtam à ação***<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> DELEUZE, *Nietzsche e a Filosofia*, p. 168 (grifos nossos).

Por outro lado, o homem da ética *nobre* age a partir de si mesmo, não necessita de estímulos de fora, sua ação é imanente a ele próprio. Na realidade, o problema do ressentimento não é não reagir, porque se ele agisse, mesmo a partir de estímulos exteriores, esta reação impediria o aparecimento do ressentimento. Como afirma Deleuze, o problema surge quando a “reação deixa de ser agida” e “torna-se qualquer coisa de sentido”. Assim, o tipo “escravo” é aquele que reage, ele sente por “dentro” a corrosão de uma dor que, embora não compreendida, vai produzir um sentimento de **vingança** e um explosivo sentimento de amargura e revolta. Ele se caracteriza pela tristeza, pelo medo, pelo desprezo que tem pelo corpo e pelos instintos; por isso, ele passa a supervalorizar a teoria em detrimento da ação.

**Como não se conhece a subjetividade do homem aristocrático, nobre,** ou seja, como a história é contada pelo tipo que predominou, a saber, o tipo “escravo”, pensamos, concebemos e tomamos como referência de padrão ético os sintomas do homem ressentido. Aceitamos e universalizamos os valores oriundos do homem do ressentimento como protótipo da civilização.

A propósito, é fundamental nunca perdermos de vista o fato de que a crítica nietzschiana quer fazer ver o ressentimento como tipologia moral que, perpassando toda a História do Homem, sintetiza a depreciação da vontade, e, no campo da filosofia, encontra sua expressão na metafísica e na dialética. **A moral do “escravo” primeiramente diz um “Não”; e, só então, estabelece valores.** É dialética porque, para afirmar a si mesma, precisa fazer duas negações: “julgar a ave de rapina ruim, e por antítese, julgar-se boa por não ser uma ave de rapina”<sup>6</sup>. Nesta moral, a dor e a tristeza são associadas ao valor de bom, enquanto a alegria, ao de mau, e a vida é avaliada a partir de uma colagem que a genealogia nietzschiana desmonta:

O olhar do escravo não é favorável às virtudes do poderoso: cético e desconfiado, tem *finura* na desconfiança frente a tudo “bom” que é honrado por ele - **gostaria de convencer-se de que nele a própria felicidade não é genuína.** Inversamente, as propriedades que servem para aliviar a existência dos que sofrem são postas em relevo e inundadas de luz: a compaixão, a mão solícita e afável, o coração cálido, a paciência, a diligência, a humildade, a amabilidade recebem todas as

<sup>6</sup> NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, aforismo 260, p. 174 (grifos nossos).

honras - pois são as propriedades mais úteis no caso, e praticamente os únicos meios de suportar a pressão da existência (...)

**Aqui está o foco de origem da famosa oposição “bom” e “mau” - no que é mau se sente poder e periculosidade, uma certa terribilidade, sutileza e força que não permite o desprezo. Logo, segundo a moral dos escravos o “mau” inspira medo; segundo a moral dos senhores é precisamente o “bom” que desperta e quer despertar medo, enquanto o homem “ruim” é sentido como desprezível <sup>7</sup>.**

A supremacia das forças reativas sobre as forças ativas é característica do ressentimento, que produz ódio a tudo o que é alegre e afirmador. A inveja dos que agem a partir de si próprios envenena então quaisquer outras possibilidades de estar no mundo, isto é, o homem do tipo “escravo” envenena-se de sua própria tristeza ao constatar que é possível ser viril, alegre - como o nobre. Assim, a força do tipo “escravo” está sempre comprometida na sua ‘origem’. Uma vez que a sua ação é sempre uma reação ao que está fora e não provém de si mesma, ele nunca produz valores autênticos, ou seja, valores que partam de suas próprias experiências. O “escravo” tem valores, mas estes estão sempre vinculados a um estímulo externo e lhe servem para justificar a inércia, a fraqueza, a impotência e a tristeza.

Na maioria dos indivíduos, em todas as culturas, onde a noção de vida como sendo originalmente injusta prevaleceu, produziu-se por sua vez um enorme sentimento de ressentimento que recrudescer à medida que esta noção se enraizou. A noção de injustiça produz-se quando se compreende a vida como aquilo que - pensará o homem da moral escrava - **não deveria ser**. Ele vai elaborar suas ações, ou melhor, reações, sempre no futuro do pretérito. O tipo que Nietzsche chama de escravo reclama que a vida poderia ser “boa” se não fosse dor, doença, luta, velhice e morte, quando resmunga: “Quisera ser alguma outra pessoa!”, assim suspira esse olhar: “mas não há esperança. Eu sou o que sou: como me livraria de mim mesmo? E, no entanto - *estou farto de mim!*...” <sup>8</sup>. Se quiséssemos traçar um paralelo do *pathos* doentio do tipo fraco que Nietzsche analisa com uma visão, digamos assim, mais cômica - mas nem por isso menos profunda - poderíamos nos lembrar precisamente de um personagem de Woody

<sup>7</sup> NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, aforismo 260, p. 174 (grifos nossos).

<sup>8</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo 14 p. 112.

Allen que diz: “Ah! como eu seria feliz se fosse feliz”<sup>9</sup>.

Em termos gerais, a “má consciência” e o ressentimento são provenientes do mesmo fenômeno, a saber, da repressão dos instintos. A “má consciência” é basicamente um profundo sentimento de mal-estar que geralmente está associado a um sentimento que aprendemos a interpretar como sendo de culpa. Tentemos traçar uma fenomenologia deste sentimento cujo principal sintoma é, primeiro, inibir e imobilizar o indivíduo para, em seguida, debilitá-lo física e mentalmente.

O nobre produz valores que, imanentes a ele mesmo, não são da ordem de uma instância “transcendente”, imaginados como estando acima deles. Ele não elabora sua visão de mundo a partir de um “bem em si”, de uma essência primordial, e não submete seus valores, neste caso, à idéia de bem ou mal, a uma idéia normalmente aceita como o “bom em si”, ou o “mal em si”, quer dizer, ele não submete a julgamento, não espera por aprovação ou licença para agir. Ele simplesmente age e estabelece que esta ação, porque imanente a ele mesmo, é boa. Poderia objetar-se, aqui, que o tipo “escravo” também age a partir dele mesmo. Mas o nobre não se preserva, não adia um impulso para o futuro e sua força exaure-se na ação. Ele sente-se satisfeito por uma vontade que se afirma plenamente, por isso ela é uma “boa ação”. Ele não introjeta a vontade, não permite que ela se transforme em ressentimento - que, por sua vez, produzirá a culpa - ou em desejo, porque este significa uma falta, um erro inerente à vida - porque ele vive no instante. O querer afirmativo quer sempre no presente, o futuro para ele é uma abstração, uma ficção, o adiamento de uma decisão, de um ato, enfim, é um sinal de fraqueza. Em contrapartida, no tipo “escravo”, sua ação deve passar antes pelo crivo de um tribunal moral que o vai censurar ou aprová-lo. Este tribunal é a consciência - que em Nietzsche, é sempre culpada, má. O ressentimento é sempre uma **reação ressentida**, digamos assim, já que, para Deleuze, **toda a ação é uma reação** <sup>10</sup>. **A diferença está na qualidade da ação entre as duas tipologias**. Deleuze ajuda-nos a perceber como Nietzsche analisa a estrutura do ressentimento:

<sup>9</sup> ALLEN, Woody, *Sem Plumas*, L&PM, 1998.

<sup>10</sup> Cf. página 57.

As forças reativas, ao levarem a melhor, não deixam de ser reativas. Porque, em todas as coisas, segundo Nietzsche, trata-se de uma tipologia qualitativa, trata-se de baixa e de nobreza. Os nossos senhores são escravos que triunfam num **devir-escravo universal**: Nietzsche descreve os Estados modernos como formigueiros em que os chefes e os poderosos levam a melhor devido à sua baixa, ao contágio desta baixa e desta truanice. Qualquer que seja a complexidade de Nietzsche, o leitor adivinha facilmente em que categoria (quer dizer, em que tipo) ele teria colocado a raça dos “senhores” concebidos pelos nazistas. Quando o niilismo triunfa, então e só então a vontade de poder deixa de querer “criar”, mas significa: querer o poder, desejar dominar (portanto, atribuir-se ou fazer com que lhe atribuam os valores estabelecidos, dinheiro, honras, poder...). Ora, esta vontade deste poder é precisamente a do escravo, é a maneira como o escravo ou o impotente concebe o poder, a idéia que dele faz, e que *ele aplica quando ele triunfa*<sup>11</sup>.

A constatação de que as atitudes de um homem fraco não são legítimas encontra-se estampada nos sintomas que desenvolve, como acabrunhamento e ódio e, por fim, ciente de sua própria impotência para superar sua culpa e ressentimento, revolta-se e quer se vingar da vida pelo que “a vida lhe fez”. “Quisera ser alguma outra pessoa!”, assim suspira esse olhar: “mas não há esperança. Eu sou o que sou: como me livraria de mim mesmo? E, no entanto - *estou farto de mim!*...”<sup>12</sup>. E, quanto mais ele, o escravo, reconhece sua fraqueza, mais cresce nele o ódio e a vontade de vingar-se:

Os sacerdotes são, como sabemos, *os mais terríveis inimigos* - por quê? Porque são os mais impotentes. Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa. Na história universal, os mais ricos de espírito - comparado ao espírito da vingança sacerdotal, todo espírito restante empalidece<sup>13</sup>.

Ele quer vingar-se do mundo pela sua impotência e tem uma necessidade premente de buscar um ou vários objetos para onde direcionar seu ódio pela sua impotência: “**Alguém deve ser culpado de que eu esteja mal**”.

Temos, aqui, uma intrigante questão: o tipo nobre, como dissemos antes,

<sup>11</sup> DELEUZE, *Nietzsche*, p.24 (grifo nosso).

<sup>12</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo 14 p. 112.

<sup>13</sup> *Ibid.* I, aforismo 7, p. 25.

age a partir de si mesmo. Ele é “causa” de si mesmo, sua ação não é de segunda ordem, não depende de uma idéia moral, essencial, para efetivar-se. Entretanto, o tipo escravo vai sempre agir de acordo com um estímulo externo ou uma noção moral previamente concebida numa instância inteligível; então, podemos dizer que a sua ação é de segunda ordem, é um **efeito**. Porém, um efeito que não vai querer reconhecer-se como tal. Por exemplo: para justificar a sua ação, o tipo escravo vai sempre afirmar - até arrogante e agressivamente - que não agiu por pressão do grupo, mas, sim, por que ele assim quis, pela sua “própria” vontade, seu “livre-arbítrio”, ou seja, **aquilo que é efeito vai querer tornar-se causa**, e proclamar que tudo que dele emana é sagrado, absoluto. E é justamente isso o que vai ocorrer ao longo da História. Que ele, o escravo,

Tenha podido dispor e apoderar-se dos homens da maneira como a história ensina, **em especial onde se impôs a civilização e a domesticação do homem**, nisto se expressa uma grande realidade: **a condição doentia** do tipo de homem até agora existente, ao menos do **homem domesticado; a luta fisiológica do homem com a morte (mais precisamente: com o desgosto da vida, com a exaustão, com o desejo do “fim”)**<sup>14</sup>.

Além de instituir valores, as forças reativas vão pensar a si mesmas como sendo de primeira ordem, isto é, como provenientes de uma fonte original, e para isto vão precisar sempre subjugar as forças afirmadoras; porque Nietzsche nos diz que, apesar da prevalência na história do “último homem”, do tipo comum sobre o *pathos* aristocrático, nem tudo está perdido para o surgimento de um tipo superior de “homem”:

**Seria ela sequer possível hoje?... Algum dia**, porém, num tempo mais forte do que esse presente murcho, inseguro de si mesmo, ele virá, o homem redentor, **o homem do grande amor e do grande desprezo**, o espírito criador cuja força impulsora afastará sempre de toda transcendência e toda insignificância, cuja solidão será mal compreendida pelo povo, como se fosse fuga da realidade – quando será apenas a sua imersão, absorção, penetração *na* realidade, para que ao retornar à luz do dia, ele possa trazer a **redenção** dessa realidade: sua redenção da maldição que o ideal existente sobre ela lançou. **Esse homem do futuro, que nos salvará** não só do ideal vigente, como daquilo que *dele forçosamente nasceria*,

<sup>14</sup> *Ibid.* III, aforismo 13, p.110 (grifos nossos).

do **grande nojo, da vontade de nada**, do **niilismo**, esse toque de sino do meio-dia e da grande decisão, que torna novamente livre a vontade, **que devolve à terra sua finalidade e ao homem sua esperança**, esse anticristão e antiniilista, esse vencedor de Deus e do nada – *ele tem que vir um dia...*<sup>15</sup>.

#### 4.1

##### As bases psicológicas do *nobre* e do *escravo*

“Bom”, para o nobre, é aquele que age segundo sua potência: a partir desta ação, surge a noção de bom. Primeiramente, ocorre a ação, depois a idéia de bom. “O *indivíduo soberano, igual apenas a si mesmo*, novamente liberado da moralidade do costume, **indivíduo autônomo supramoral (pois ‘autônomo’ e ‘moral’ se excluem)**”<sup>16</sup>. Contrariamente, as ações consideradas boas, na moral do ressentimento, são aquelas que ela acredita emanarem do inteligível e, a partir daí, ela estabelece a idéia do “bem” ou “bom em si”. A ação deixa, neste momento, de ser proveniente de seu julgamento, de ser espontânea, e passa a ser julgada de acordo com uma regra aceita pela maioria, tornando-se, assim, **universal**. O “mal” passa a ser toda a ação que não corresponde a esta regra universal. **No homem nobre, o “conceito” do que é bom nasce do ato, é imediato; na moral escrava, da essência, do transcendente.**

Como a ação para o nobre nascia de uma espontaneidade, é possível que ele não a classificasse segundo nenhuma norma, senão, ela deixaria de ser inocente. A culpa é um afeto que provém de toda ação que não estaria de acordo com este “bem em si”, é de estar ciente de que se age fora do âmbito de concordância com o meio social, com a comunidade à qual se pertence.

É verdade, se **o tipo nobre não adjetivava** a sua ação, então, como poderia sentir-se culpado? O homem nobre vai exercitar aquilo que Nietzsche chama de “faculdade do esquecimento”, por isso ele não vai acumular ressentimento ou qualquer outro tipo de afeto inibidor. Vejamos por que o esquecimento é considerado por Nietzsche um afeto regenerador.

O ponto mais emblemático do homem do ressentimento é a incapacidade

<sup>15</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, II, pgs. 84, 85 (grifos nossos).

para esquecer, sobretudo se for algo interpretado como uma ofensa. Simultaneamente, ele vai compensar a sua impotência para revidar imediatamente com o prazer que extrai das lembranças negativas de uma experiência dolorosa. Sem tais lembranças, aliás, ele não poderia alimentar e arquitetar nenhuma vingança. Essa vingança transforma-se em remorso e para sempre permanece uma vingança imaginária ou - para usarmos um termo mais atual - virtual. Preso às lembranças, o homem ressentido age somente em função de um tempo passado. Agir somente tendo o passado como referência é já um problema e um obstáculo à afirmação da vida enquanto afirmação do aqui e do agora, porém, quando o ressentido é agido, ainda por cima, por memórias rancorosas, ele torna-se emblematicamente o antípoda do tipo aristocrático, o tipo mais desprezível, segundo Nietzsche, de fato, o “último homem”.

A vingança propriamente não é o problema, isto é, Nietzsche não se opõe a ela por nenhuma razão moral (como a moral religiosa faz crer), mas sim o fato de adiar-se um ato, e, pior, um ato cujo móvel é o ressentimento. É este sentimento negativo em perpétua ruminação, que envenena e é tão pernicioso ao homem, um ato que jamais será efetivado, o qual constitui a marca específica do ressentido, antípoda do sobre-humano. O adiamento desta evasão de ódio para um futuro que, muitas vezes, não chega e não pode chegar, porque - e isto é muito importante - **a vingança adiada proporciona o prazer de arquitetá-la**, é o que constitui a doença. Isto é, ou o indivíduo revida imediatamente ou esquece. A capacidade que alguém desenvolve de esquecer acontecimentos desagradáveis é, para Nietzsche, a marca de sua força e saúde, a de não guardar, ou melhor, a de não saber guardar ressentimento, isto é, **“todo agir requer esquecimento: assim como a vida de tudo o que é orgânico requer não somente luz, mas também escuro”**<sup>17</sup>.

Em Nietzsche, a questão da felicidade entendida como um estado de “paz de espírito”, ou como o anseio de um sentimento onde os impulsos estão aquietados, deixando o homem tranqüilo, é uma meta indigna. Como “discípulo” de Heráclito, felicidade, para Nietzsche, é sempre um estado **de tensão harmoniosa** entre os opostos, e o esquecimento entra na reflexão sobre a felicidade, à medida que “na mais pequena como na maior felicidade, há sempre

<sup>16</sup> *Ibid.* II, aforismo 2, p. 48 (grifos nossos).

<sup>17</sup> NIETZSCHE, *Da Utilidade e Desvantagem da História para a Vida*, seção 1, *in Obras Incompletas, Os Pensadores*, p.58.

qualquer coisa que faz com que a felicidade seja uma felicidade: **a possibilidade de esquecer**, ou, para dizer em termos mais científicos, a faculdade de nos sentirmos momentaneamente *fora da história*. **O homem que é incapaz de se sentir no limiar do instante esquecendo todos os acontecimentos passados, aquele que não pode, sem vertigem e sem medo, pôr-se de pé um instante, como uma vitória, jamais saberá o que é uma felicidade e, o que é pior, nunca fará nada para dar felicidade aos outros**”<sup>18</sup>. Nietzsche constrói, por assim dizer, uma psicologia da “felicidade” onde considera que, por meio de uma inserção positiva, o esquecimento propicia o viver feliz, porém, um tipo sobre-humano não é um desmemoriado, mas está, digamos, equipado de uma certa **força plástica que inocenta o tempo**. “Para definir o grau e fixar o limite em que é absolutamente necessário esquecer o passado, sob pena de se tornar o coveiro do presente, seria necessário conhecer a **medida exata da força plástica** de um homem, de uma nação, de uma civilização, quer dizer, a faculdade de **crescer por si mesmo**, de transformar e de assimilar o passado e o heterogêneo, de **cicatrizas suas feridas**, de reparar as suas perdas, de reconstruir as formas destruídas”<sup>19</sup>. O aparecimento do discurso racional (*ratio*) ou, emblematicamente, Sócrates, consiste etimologicamente na representação dos atos “antes” de efetuá-los, com todos os seus cálculos e conjecturas, a fim de prever as conseqüências e evitar ao máximo os riscos. Com a “transmutação dos valores” e a tirania do *logos* e do saber instaurados por Sócrates, segundo Nietzsche, a memória será enaltecida e o ressentimento instalado, solapando definitivamente a alegria inocente de um tipo superior. É típico do ressentido desenvolver uma **memória da marca**, que não o deixa livrar-se de nenhuma recordação, principalmente das desagradáveis, e a memória dessas lembranças se constitui **na memória da culpa, de onde ele vai tirar o prazer de eternamente remoê-las**. Ele é incapaz de criar porque a criação exige abertura para o novo, para o não conhecido, e, imobilizado pelo ressentimento e pela culpa, ele só é capaz de agir a partir das memórias passadas. Comprometendo seu presente, suas experiências futuras tornam-se edições de um velho padrão.

<sup>18</sup> NIETZSCHE, *Da Utilidade e Desvantagem da História para a Vida*, seção 1, p. 107 (grifos nossos).

<sup>19</sup> NIETZSCHE, *Da Utilidade e Desvantagem da História para a Vida*, seção 1, p. 107 (grifos nossos).

Porém, Nietzsche não indica que seja possível, ou mesmo recomendável, viver no esquecimento total, o que seria impossível para a memória humana, uma “alegria” que só os animais conhecem. “É possível viver quase sem lembrança e, mesmo viver feliz, como mostra o animal; **mas é inteiramente impossível viver sem esquecimento**, simplesmente *viver*”<sup>20</sup>. A estória pessoal de alguém não pode ser ignorada ou apagada, mas um tipo superior “sabe” desfazer-se dos afetos tristes e das memórias de eventos dolorosos. Ele possui uma vontade forte o suficiente para cultivar o saudável exercício de **selecionar** as suas recordações:

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas **uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido** graças à qual o que é por nós experimentado, vivificado, em nós acolhido, **não penetra em nossa consciência**, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar “assimilação psíquica”<sup>21</sup>), do que todo multiforme processo da nossa nutrição corporal ou “assimilação física”<sup>22</sup>.

Nietzsche constata que o tipo nobre tem uma força tal que lhe é mesmo possível não se deixar penetrar por nenhuma lembrança de rancor ou amargura, como neste magnífico exemplo em que “Mirabeau, que não tinha memória para os insultos e baixezas que sofria, **não podia desculpar, simplesmente porque esquecia**”<sup>23</sup>.

Mesmo a interpretação de um fato como doloroso no tipo nobre, não lhe permite acumular lembranças de ofensas ou vivências negativas. É um dos traços fundamentais do homem forte saber desvencilhar a memória de lembranças desagradáveis, isto é, ele sabe

<sup>20</sup> *Ibid.* (grifo nosso).

<sup>21</sup> Em nota de tradução, Paulo César Souza faz referência ao termo “assimilação psíquica” usado por Nietzsche como “sendo uma palavra de sua - de Nietzsche - própria lavra, *Einverseelung*, criada a partir de *Seele*, ‘alma’. Segue Souza: “O tradutor inglês também inova: ‘*inpsychation*’. Os demais oferecem *assimilación anímica*, *appropriazione spirituale*, *absortion psychique* e, como nós, *assimilation psychique*. Na mesma frase, ‘assimilação física’ é a tradução para *Einverleibung*, esta, uma palavra dicionarizada, que serviu de modelo para a criação da primeira. *Leib* = corpo; o tradutor inglês usa *incorporation*. **In** Notas do tradutor, p.155.

<sup>22</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, II, *aforismo* 1, p.47 (grifos nossos).

<sup>23</sup> *Ibid.*, Honoré Gabriel Riqueti, Conde de Mirabeau (1749 - 1791), foi um celebrado estadista revolucionário francês, e escritor, conforme nota de Walter Kaufmann em sua tradução da *Genealogia da Moral*, Vintage Books Edition, November 1989, p. 39. (grifo nosso).

**Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência;** permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo de órgãos serviçais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, **um pouco de tábula rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo** <sup>24</sup>.

**Não conseguir levar a sério por muito tempo seus inimigos, suas desventuras, seus malfeitos inclusive - eis o indício de naturezas fortes e plenas, em que há excesso de força plástica, modeladora, regeneradora e propiciadora do esquecimento** ” <sup>25</sup>.

Neste processo, vemos que, quando o nobre vivencia uma situação de atrito ou desafio, ele revela, neste mesmo instante, o que sente; ele não deixa existir nenhum intervalo ou espaço de tempo em sua memória, entre o instante em que lhe é exigida uma ação compatível com sua ética e o *depois*, ou seja, ele não permite que se produzam nele recordações negativas, ou resíduos destas experiências. Todavia, não se trata de um voluntarismo, não é pela racionalização que isto vai ocorrer, porque é da sua constituição não premeditar ou calcular algo, ele simplesmente age por impulso.

Sua ação nasce de uma “certeza” que ele tem de si mesmo, daí este agir espontâneo, direto, sem obliquidade. Ele é “verdadeiro consigo”, isto é, ele compreende “inconscientemente”, por assim dizer, que as memórias negativas são perigosas e que não deve deixar resíduos do passado interferirem no presente, por isso esgota sua ação no instante presente:

Mesmo o ressentimento do homem nobre, quando nele aparece, se consome e se exaure numa reação imediata, por isso não *envenena*: por outro lado, nem sequer aparece, em inúmeros casos em que é inevitável nos impotentes e fracos <sup>26</sup>.

O homem nobre não interioriza o mal que porventura alguém lhe cause, e jamais culpa o mundo ou o que está fora. O “último homem”, ao contrário, quando percebe que é inútil culpar o mundo, o que está fora, pelos seus infortúnios, ele passa a culpar a si mesmo. Não adiando o seu ato de resposta, o tipo nobre também vai evitar outro sentimento que imobiliza e deprime, mas que é, digamos assim, a conseqüência natural do ressentimento, a saber, o **“espírito de vingança”**.

<sup>24</sup> *Ibid.* (grifos nossos).

<sup>25</sup> *Ibidem.*, I, aforismo 10, p.31 (grifos nossos).

Um dos afetos básicos da moralidade do escravo, a **vingança**, é a manifestação de um sentimento de impotência frente à possibilidade do revide imediato. Ele compensa-se da sua impotência para **reagir** na formulação de estruturas morais as quais ele chama de virtudes. “Eles agora monopolizaram inteiramente a virtude, esses fracos e doentes sem cura”<sup>27</sup>. As virtudes, tais como vistas por Nietzsche, são - nos fracos - expedientes através dos quais eles se valem para lidar com sua própria impotência, com a impotência dos outros e com a força do tipo nobre. São, segundo Nietzsche, pretextos e desculpas dos quais ele se vale para não reagir, não se tornar violento, ser paciente, humilde, cultivar o perdão, a simpatia, e, finalmente, ainda “amar” seu inimigo; porém, ele não consegue convencer-se desta moral conciliadora, e, não suportando a dor que lhe inflige o agressor, a memória dolorosa de uma agressão não revidada, ele alimenta um sentimento de vingança que jamais se efetiva. A vingança, produto do ressentimento, é oblíqua, direcionada para a noção de uma “providência divina” que deverá vingar o homem do ressentimento, ou, então, será arquitetada metodicamente, acalentada e **sempre adiada**<sup>28</sup>. Aliás, como o escravo é impotente para reagir e não sabe esquecer, é do próprio adiamento, da ruminação em torno da ofensa que ele - paradoxalmente - vai retirar o seu prazer, o seu gozo e a razão de viver. A efetivação desta vingança seria o fim do prazer que ele próprio tira desta dívida impagável. Nietzsche identifica por trás das recomendações virtuosas do “amor ao próximo”, não-violência e “perdão”, um enorme sentimento de ressentimento oriundo do medo do revide, dos desgastes emocionais, etc. : “Adoecer e desconfiar é pecado (...) Zangam-se ainda, mas logo reconciliam-se - **para não estragar o estômago**”<sup>29</sup>, isto é, a introjeção da vitalidade não expressa é tão dolorosa e insuportável que o indivíduo passa a tentar convencer a si próprio de que é “nobre” perdoar e não revidar, e assim ele se aquieta ainda que pague o preço de um fortíssimo ressentimento:

<sup>26</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, I, aforismo 10, p.31.

<sup>27</sup> *Idem*, III, 14, p.112.

<sup>28</sup> O exemplo mais emblemático do ressentimento e da vingança introjetada, não expressa, e do sofrimento psicológico por elas causado, nos é apresentado, na história da literatura universal por Dostoiévski, na segunda parte de seu genial livro *Memórias do Subsolo*.

<sup>29</sup> NIETZSCHE, *Assim Falou Zarathustra*, Prólogo 5, p. 34 (grifo nosso).

Hoje se “sabe” o que é bem e mal e soa duro e pouco agradável aos ouvidos, se de novo insistimos: o que aqui julga saber, o que aqui se glorifica com seu louvor e seu reproche, e se qualifica de bom, é o seu instinto de animal de rebanho homem: o qual irrompeu e adquiriu prevalência e predominância sobre os demais instintos, fazendo-o cada vez mais, conforme a crescente aproximação e assimilação fisiológica de que é sintoma. **Moral é hoje, na Europa, moral de animal de rebanho:** - logo, tal como entendemos as coisas, apenas *uma* espécie de moral humana, ao lado da qual, depois de muitas outras morais, sobretudo *mais* elevadas, são ou deveriam ser possíveis (...) <sup>30</sup>.

Certos impulsos fortes e perigosos, como o espírito empreendedor, a temeridade, a sede de vingança, a astúcia, a rapacidade, a ânsia de domínio, que até então tinham de ser não apenas respeitados como **socialmente úteis** - sob nomes diversos dos mencionados, naturalmente -, mas cultivados e acentuados (porque necessitava-se constantemente deles em meio aos perigos do todo, contra os inimigos deste), são sentidos bem mais intensamente em sua **periculosidade** – **agora que não faltam canais de escoamento** -, e pouco a pouco são estigmatizados como imorais e abandonados à calúnia. **Quando os impulsos mais elevados e mais fortes, irrompendo passionalmente, arrastam o indivíduo muito acima e além da mediania e da planura da consciência de rebanho, o amor-próprio da comunidade se acaba, sua fé em si mesma, como que sua espinha dorsal, é quebrada: portanto, justamente esses impulsos serão estigmatizados e caluniados** <sup>31</sup>.

Um tipo superior - se quisermos, não precisamos considerá-lo ainda um *übermensch*, mas de qualquer modo, traz a nobreza em seu “espírito” - terá como prioridade e estratégia manter-se afastado do senso comum, a fim de preservar sua inocência criadora e força anímica. “A espiritualidade superior e independente, a vontade de estar só, e mesmo a grande razão, serão percebidas como perigo: tudo o que ergue o indivíduo acima do rebanho e infunde temor ao próximo é doravante, apelidado de *mau*; a mentalidade modesta, equânime, submissa, igualitária, a **mediocridade** dos desejos obtêm fama e honra morais”<sup>32</sup>. O nobre corre perigo quando se deixa reconhecer como tal e, **talvez, essa seja uma das poucas vezes na ética de Nietzsche em que se precisa dizer “não”**, a fim de se preservar, pois “o amor ao próximo é sempre algo secundário, em parte

<sup>30</sup> NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, seção 202, p. 101 (grifo nosso).

<sup>31</sup> *Idem*, seção 201, pgs. 99, 100 (grifos nossos).

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 100

convencional e arbitrário-ilusório, em relação ao *temor ao próximo*<sup>33</sup>.

Em Nietzsche, *saber esquecer* é uma *arte*, no sentido que demanda uma *capacidade* singular de seletividade, a qual já é inerente ao “pathos da distância”, expressão nietzschiana para a preservação da contaminação da alegria e da inocência criadora de um indivíduo - que ainda tem o que preservar e, todavia, mostra-se como uma promessa de algo superior. **O esquecimento é um artifício fundamental no exercício da auto-superação da memória reativa** no combate ao hábito, neste caso, o hábito de guardar o que é desagradável e corrosivo, o que, no tipo escravo ou “último homem” constitui-se em uma compulsão perversa e neurótica.

Com efeito, ainda não concluímos a questão a propósito de como o tipo nobre poderia sentir-se culpado e comprometer a inocência do seu ato. Esta é uma importante questão porque é no momento em que ele duvida da qualidade da sua ação que ela deixa de ser inocente. Aliás, à medida que o homem escravo dá-se conta de que jamais deixará de ser o que é, a saber, a encarnação da impotência, ele vai se vingar dessa “injustiça”, buscando obliterar a força do tipo nobre! Como?! Ora, com a sua tristeza, pois, no instante em que o tipo nobre racionaliza sua alegria procurando justificá-la, abre-se uma brecha por onde, sorradeira e astuciosamente penetra o escravo. Há um tipo de satisfação pervertida do tipo escravo - enquanto impotente para viver afirmativamente a sua própria vida - em capturar a alegria gratuita do homem nobre, contaminá-la de tal forma que, tornando-se este um acabrunhado, deixe de lembrar ao tipo escravo - lembrança insuportável - que a vida pode ser vivida de uma outra forma, isto é, afirmativa e alegremente, e que a sua vida, a do escravo, é um reflexo de sua covardia e medo:

São eles, são *os mais fracos, os que mais corroem a vida entre os homens, os que mais perigosamente envenenam e questionam nossa confiança na vida, no homem, em nós (...)*

**Quando alcançariam realmente o seu último, mais sutil, mais sublime triunfo da vingança? Indubitavelmente, quando lograssem introduzir na consciência dos felizes sua própria miséria, toda a miséria, de modo que estes um dia começassem a se envergonhar da sua felicidade, e dissessem talvez uns aos outros: “é uma vergonha ser feliz! existe muita miséria!”...Mas não poderia haver erro maior e mais fatal do que os felizes, os bem logrados, os poderosos de corpo**

<sup>33</sup> NIETZSCHE, Além do Bem e do Mal, seção 201, p. 99 (grifo nosso).

e alma comecem a duvidar assim do seu direito à felicidade<sup>34</sup>.

É no momento mesmo em que o homem do ressentimento faz o homem nobre e afirmador duvidar da autenticidade e da legitimidade do seu vigor e da sua plenitude, que se dá a captura. Envenenado pelos sentimentos de culpabilidade, o tipo nobre deve, por isto, evitar o contato prolongado com o homem doente e acabrunhado.<sup>35</sup>

A proximidade com o tipo reativo é uma das causas desta culpa, contra a qual o nobre não tem proteção. A moral “escrava” é pusilânime e patológica porque anseia somente a complacência, é sonolenta, e os atos não importam tanto quanto os sentimentos que os seguem, como o remorso e o arrependimento, dos quais a moral cristã é fiadora. Um dos principais valores dessa moral, a virtude da justiça - tão em voga nos séculos XVIII e os intelectuais sociais do século XIX - é, em Nietzsche, debilidade apiedada e não “amor ao próximo”. A caridade e o “amor ao próximo”, neste sentido, representam somente tolerância da debilidade alheia, maneira por demais fácil de ficar com a consciência tranqüila. Por isso, Nietzsche insiste na **necessidade estratégica** de todo tipo forte proteger-se para não ser coagido pela astúcia e sagacidade do homem reativo - seus únicos instrumentos de combate contra as potências da vida -, sucumbindo, dessa forma, à sua perspectiva pessimista da vida. Quando enfim compreendemos este mecanismo sutil de cooptação, entendemos o porquê da aparentemente paradoxal sentença nietzschiana: **“os fortes devem se proteger dos fracos”**<sup>36</sup>. Na verdade, verificamos que ela nada tem de reacionário: ao contrário, revela a perspicácia da psicologia de Nietzsche, na medida em que denuncia este subterrâneo e **secreto dispositivo de inibição e domesticação, utilizado ao longo da História. Pode ser que a vitória - na História - do ressentimento sobre o tipo nobre venha do**

<sup>34</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo 14, pgs. 112, 114.

<sup>35</sup> Na sua tradução da *Genealogia da moral*, Walter Kaufmann cita, a propósito do mesmo tema, um fragmento de carta que Goethe enviou à Frau Von Stein - datado de junho de 1878 -, em que ele expõe o temor de Goethe acerca dos doentes e dos sãos em relação ao futuro. Realmente, tal imagem de Goethe, que dilacerava Nietzsche, é de arrepiar: **“Também, devo mencionar, eu mesmo penso que é uma verdade, a de que eventualmente a humanidade irá triunfar. Eu só temo que ao mesmo tempo o mundo se torne um amplo hospital e cada um o enfermeiro do outro”**. Em carta à Paul Rée de 17 de abril de 1877, diz-nos Kaufmann, Nietzsche escreve “ cada um o enfermeiro do outro”. Walter Kaufmann, p.124. E, de fato, na *Genealogia da Moral*, II, aforismo 22, Nietzsche afirma: “A Terra é há muito tempo um manicômio” *in* MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*, p.117.

<sup>36</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo 14, p. 136 (grifo nosso).

**fato mesmo de que este último não qualificava suas ações.** Contudo, ele não as qualificava porque era franco e aberto, ou seja, o seu ponto “fraco”, é/era a **inocência** – no bom sentido.

Esta inocência talvez fosse relativa, se é que podemos conceber um estado de “relativa inocência”. Assim, se, por um lado, a questão da inocência proveniente do *pathos* nobre seja delicada e problemática, à medida que o nobre podia intuir, por assim dizer, uma diferença fundamental entre ele e o tipo escravo, ele também **sabia esquecer**.

Embora seja difícil encontrar uma resposta definitiva acerca da qualidade da ação do tipo nobre ou sobre-humano, compreendemos **que os seus atos são inocentes no sentido de que expressam as forças instintuais e sua vontade de poder criadora** ao serem afirmadas plena e tragicamente. Por outro lado, tais atos escapam a qualquer ordenação que pretenda enquadrá-los dentro de um esquema moral do tipo “bem” e “mal”. O tipo de vida do sobre-humano é de:

Uma raça *afirmadora*, a quem é **permitido gozar todo grande luxo...suficientemente forte para não ter necessidade da tirania do imperativo da virtude**, suficientemente rica para não ter necessidade de poupança e pedantismo, **além de bem e mal**; uma estufa para plantas especiais e seletas <sup>37</sup>.

Assim, no tipo nobre, a ação nasce de um ímpeto, ele não avalia antes de agir, **o que comprometeria a inocência da ação**, mas, estrategicamente falando, talvez fosse necessário porque estabelece uma distância segura entre ele e o escravo - o “*pathos da distância*” - protegendo o primeiro do ressentimento e tristeza do segundo:

A “*igualdade*”, uma certa **semelhança factual que se exprime na teoria dos “direitos iguais”**, pertence essencialmente à **decadência: o abismo entre homem e homem, entre classe e classe, a multiplicidade dos tipos, a vontade de ser quem se é, de se distinguir, aquilo a que chamo o *pathos da distância*, é o próprio de toda época forte** <sup>38</sup>.

Talvez o homem “nobre” pressentisse que algo aterrador podia acontecer-

<sup>37</sup> NIETZSCHE, *Fragmento Póstumo* 9 [153], outono 1887. In: KSA, vol.12, p.424 s., *in Nietzsche, A Grande “Política”*. Tradução e seleção Oswaldo Giacóia Jr., p.38 (grifos nossos).

lhe - pelo contato - se não demarcasse uma linha divisória entre ele e o tipo escravo. Assim, o nobre vai diferenciar-se estabelecendo um grau comparativo entre ele e os “outros”, isto é, os impotentes, desprovidos de ética, tal qual a entendem os nobres. O nobre compreende que o escravo não pode ser um adversário ou um amigo à altura, porque basicamente ele a si próprio se deprecia, o que é o suficiente para ser encarado como um não igual, um não nobre:

É verdade que, talvez na maioria dos casos, eles designam a si mesmos conforme simplesmente a sua superioridade no poder (como “os poderosos”, “os senhores”, “os comandantes”), ou segundo o signo mais visível desta superioridade, por exemplo, “os ricos”, “os possuidores”<sup>39</sup>.

O tipo escravo não suporta o que dele surge espontaneamente, não é verdadeiro, isto é, não é franco consigo mesmo e não tem a força necessária para obedecer às suas próprias inclinações. Ele cria a noção de consenso e passa a agir com a concordância e autorização do grupo, do “rebanho”:

**“Nós fracos, somos realmente fracos, convém que não façamos nada para o qual não somos fortes o bastante”;** mas esta seca constatação, esta prudência primaríssima que até os insetos possuem (os quais se fazem de mortos para não agir “demais”, em caso de grande perigo), graças ao falseamento e à mentira para si mesmo, próprios da impotência, tomou a roupagem pomposa de virtude que cala, renuncia, espera, **como se a própria fraqueza dos fracos - isto é seu ser, sua atividade, toda sua inevitável, irremovível realidade - fosse um empreendimento voluntário, algo desejado, escolhido, um feito, um mérito.** Por um instinto de auto-conservação, de auto-afirmação no qual **cada mentira costuma purificar-se, essa espécie de homem necessita crer no “sujeito” indiferente e livre para escolher. O sujeito (ou, falando de modo mais popular, a alma) foi até o momento o mais sólido artigo de fé sobre a terra,** talvez por haver possibilitado à grande maioria dos mortais, aos fracos e oprimidos de toda espécie, enganar a si mesmos com a sublime falácia de interpretar a fraqueza como liberdade, e o seu ser-assim como mérito<sup>40</sup>.

A fim de frear seus impulsos, o ressentido cria e sacramenta a noção de virtude. Tal noção vai servir para justificar sua debilidade e para convencê-lo de

<sup>38</sup> NIETZSCHE, *Crepúsculo dos Ídolos*, p. 96 (grifos nossos).

<sup>39</sup> *Ibid.* I, aforismo 5, p. 21.

<sup>40</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, I, aforismo 13, p. 37 (grifos nossos).

que a impossibilidade de agir é uma decisão dele, do seu livre-arbítrio, uma decisão do “sujeito”, da reflexão. Ele inventa a ficção do “sujeito”, para justificar seu não agir e seu não comprometimento com a vida. **Quando ele interioriza o ato, a sua vontade se subjetiva e cria a ficção de um “Eu”. Com sua força interiorizada, os valores dela provenientes serão sempre de ordem reativa.**

**Há, porém, uma diferença fundamental entre subjetividade e sujeito.** O sujeito aparece sempre como ficção, elaborado como conceito de ordem operativa para fabricar e produzir efeitos, inclusive o efeito-sujeito. Enquanto expressão de afirmação, a atitude do tipo nobre é alegre, trágica, dionisíaca, mas, quando vinculada à idéia de sujeito, a ação é sempre a expressão de forças reativas. A confusão que normalmente se estabeleceu na história da filosofia e das genealogias morais, para Nietzsche, foi a concepção universalizada da noção única e indiscutivelmente aceita de subjetividade que, para Nietzsche, é depositária de um *pathos* reativo. A partir deste *pathos*, a moral do escravo engendrou concepções, tais como consciência, sujeito e realidade. Estas foram fabricadas como modelos teóricos para dar conta dos mais diferentes efeitos - vale dizer -, produzindo “verdades” ao longo da história humana.

O homem do ressentimento submete seu pensamento de tal modo ao julgamento e aval de sua consciência que a inocência, por assim dizer, de uma eventual ação, jamais acontece em sua plenitude, isto é, fazendo comparecer também os instintos. A “má consciência” é um tipo de afeto que, em última instância, vai servir como dispositivo para justificar e endossar a impotência. Na moral do escravo, o impulso para agir imediatamente passa previamente pelo crivo da moral, mas uma moral já comprometida e impregnada pelo efeito paralisador do medo, da culpa e do ressentimento, logo despojada da inocência e da coragem que requer toda ação criadora.

As paixões demandam energia, intensidade e uma disciplina da qual o fraco é desprovido. Ainda não tendo introjetado a “má consciência”, ele evita as “emoções fortes” para não se sobreexcitar. Para combater os efeitos de uma sobrecarga emocional, ou de sensações corporais “indesejáveis”, o homem deste tipo vai valer-se do que Nietzsche chamou de um *ideal ascético*. O exercício das práticas ascéticas é o meio que o homem ressentido e deprimido descobriu para se manter tranqüilo e calmo quando seu corpo e seus sentimentos ameaçarem perder o controle ou passa a comportar-se de forma singular, distinta do “rebanho”. É o

meio pelo qual ele intuiu poder controlar as manifestações mais instintivas e fisiologicamente poder intervir nelas, mantendo, por exemplo, seu nível de ansiedade baixo o suficiente para não despertar nele nenhuma paixão ou “impulso indesejável”. Porém, as próprias causas do sofrimento em não poder lidar com as próprias paixões - leia-se instintos - não são abordadas. Há uma concordância implícita entre todos para não pensar nas causas, talvez pelo medo inconsciente de descobrir que “a origem” do mal-estar repousa sobre a covardia.

O cristianismo, em especial, pode ser considerado um grande tesouro dos mais engenhosos meios de consolo, pelo tanto de aliviador, mitigador, **narcotizante** que há nele acumulado. (...) Intuiu sobretudo os afetos estimulantes com que pode ser vencida a funda depressão, o cansaço de chumbo, a negra tristeza dos **fisiologicamente travados** (...)

**Esse desprezar dominante é combatido, primeiro, através de meios que reduzem ao nível mais baixo o sentimento vital. Se possível nenhum querer, nenhum desejo mais; evitar tudo o que produz afeto, que produz “sangue” (não comer sal: higiene do faquir); não amar; não odiar; equanimidade; não se vingar; não enriquecer (...)**

Como resultado, em termos psicológico-morais, “renúncia de si”, “santificação”; **em termos fisiológicos, hipnotização - uma tentativa de alcançar para o homem algo aproximado ao que a hibernação representa para algumas espécies animais (...) um mínimo de metabolismo, no qual a vida ainda existe, sem no entanto penetrar na consciência. Uma quantidade espantosa de energia humana foi gasta para esse fim** <sup>41</sup>.

No ideal ascético, o gozo com o sofrimento é o que Nietzsche percebe como central e o porquê dos procedimentos ascéticos se tornarem tão sedutores. Porém, a introjeção do ideal ascético produz o acomodamento a um estado de torpor e anestesiamento, onde o indivíduo arma-se de uma série de práticas endossadas por filosofias, religiões e o discurso científico<sup>42</sup> - que hoje assola a

<sup>41</sup> *Ibid.* III, aforismo 17, pgs. 119, 121 (grifos nossos).

<sup>42</sup> A posição do pensamento de Nietzsche em relação ao pensamento científico tem várias faces. A relação entre o pensamento científico e o ideal ascético é o que nos interessa aqui primordialmente. Nietzsche diagnostica que, nos subterrâneos da ciência - sobretudo a que nascia no seu tempo, isto é, a ciência positivista e as chamadas ciências naturais - permanecem latentes os mesmos ideais tradicionais que construíram civilizações e criaram filosofias, religiões e códigos morais que, por sua vez, fundamentaram a visão de mundo do tipo ressentido, ou seja, da civilização. Nestes ideais, ele percebe o que chama de *Vontade de Verdade*, ou o desejo humano, *demasiado humano* de buscar uma “razão” para viver, um sentido para a vida, nem que se vá

chamada mídia até a náusea, procurando explicar e buscar soluções às mazelas humanas, inclusive se arrogando o direito de invadir terrenos que seriam muito mais pertinentes à filosofia ou a antropologia, por exemplo. Tal emaranhado teórico vai justificar os ajuizamentos morais, mantendo o indivíduo “tranquilo” e sem o conflito interior de ter de recriminar-se pela sua impotência. Porém, esta impotência é também causa de dor, porque estas forças que ele reprime ficam represadas e não conseguem exprimir-se. Essas técnicas e terapias, aliás, tornam-se extremamente convenientes, vantajosas e prazerosas à medida que **perpetuam o prazer no sofrimento**. Julgando a vida como injusta pelos sofrimentos que causa, ele, ao mesmo tempo em que a coloca contra a morte, termina também por colocar a vida - que se quer impotente - contra a vida afirmadora e instintiva:

Pois uma vida ascética é uma **auto-contradição**: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesma (...) Aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força; aqui o olhar se volta, rancoroso e pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza, a alegria; enquanto se busca satisfação no malogro, na desventura, no fencimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, na auto-flagelação e auto-sacrifício. Tudo isso é paradoxal no mais alto grau: estamos aqui diante de uma desarmonia que se *quer* desarmônica, que *frui* a si mesma neste sofrimento, e torna-se inclusive mais triunfante e confiante à medida que diminui o seu pressuposto, a vitalidade fisiológica. “O triunfo na agonia derradeira”: sob este signo superlativo lutou desde sempre o ideal ascético; neste enigma de sedução, nesta imagem de êxtase e tormento ele reconheceu sua luz mais intensa, sua salvação, sua vitória final. *Crux, nux, lux* [cruz, noz, luz] - para ele são uma só coisa”<sup>43</sup>.

O homem da “má consciência” é sempre encorajado a juntar-se com seus semelhantes, compartilhando “experiências”, entenda-se: queixumes, lágrimas e seus pequenos conflitos pequeno burgueses. A convivência é estimulada porque vira uma espécie de terapia coletiva, através da qual os indivíduos - sempre

---

buscar este sentido “atrás das estrelas”. A mesma *vontade de verdade*, que antes subjazia à moral cristã e era a sua origem, atravessa a História para se instalar no âmago da mentalidade científica. A *vontade de verdade* disfarça uma crença na superioridade da verdade sobre a aparência, sobre o engano, o falso e o ilusório. Até quando critica a religião, a ciência o faz baseada em suas próprias verdades (e não poderia ser diferente), que são a expressão mais gritante de sua moral e da *vontade de verdade*.

<sup>43</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo 11, p.132 (grifo nosso).

ressentidos - estabelecem uma espécie de cumplicidade, confessando uns aos outros as suas “pequenas alegrias” e “transgressões”. Mas, o grande propósito dessas agremiações ou mesmo o motivo pelo qual as amizades **no mundo reativo** são buscadas tem o intuito único de buscar a salvação, abjurando o sofrimento através do sentimento de **auto-vitimização**. Assim, consegue-se, quase sempre, amenizar as frustrações e evitar os surtos sentimentais, pelo menos os surtos da massa popular e que ameaçam a ordem social, ainda que não saibamos por quanto tempo o “sistema” conseguirá administrá-las. Mas nós bem sabemos, e podemos imaginar, que dentro de nossas casas, quando fechamos as portas atrás de nós, os surtos, as histerias, as “pequenas” crueldades que infligimos a nós mesmos ou aos nossos “entes queridos” e os suicídios já estão ocorrendo há mais tempo que imaginamos e também com uma frequência espantosa. Mas nós ainda preferimos continuar fingindo. Por quanto tempo?

“A moral dos escravos é essencialmente uma moral de utilidade” (*in Além do Bem e do Mal*). Ela é basicamente de cunho operacional, ou seja, é concebida para dar conta de questões ideologicamente impostas pelo grupo, pela sociedade. O ressentimento só cria valores em conjunto, no âmbito da sociedade e do que Nietzsche espiritualmente denominou de “instinto de rebanho”. No processo de domesticação dos instintos, o homem vai aprender a viver em grupo. Nietzsche vai dizer-nos que o sacerdote, percebendo no homem ressentido um instinto para buscar seus pares e viver em grupo, aproveita-se disto para o seu intento de captura, subjugação e **subjetivação do homem**. A vontade reativa deseja pertencer ao grupo, porque **é no coletivo que o ressentimento pode gerar valores** e, gerando cumplicidades, o rebanho, **transformado numa fraternidade de impotentes, vai estabelecer uma aliança tácita de afetos tristes**.

**Todos os doentes, todos os doentios, buscam instintivamente organizar-se em rebanho**, na ânsia de livrar-se do surdo desprazer e do sentimento de fraqueza: o sacerdote ascético intui esse instinto e o promove; onde há rebanho, é o instinto de fraqueza que o quis, e a sabedoria do sacerdote que o organizou. Pois atente-se para isso: os fortes buscam necessariamente *dissociar-se*, tanto quanto os fracos buscam *associar-se*; **quando os primeiros se unem, isto acontece apenas com vista a uma agressão coletiva, uma satisfação coletiva da sua vontade de poder, com muita oposição de consciência individual; os fracos, ao contrário, se agrupam, tendo prazer nesse agrupamento - seu instinto se satisfaz**

**com isso, tanto quanto o instinto dos “senhores” natos ( isto é, da solitária, predatória espécie de “homem”) é irritado e perturbado pela organização**<sup>44</sup>.

Próprio das instituições religiosas, das democracias, do socialismo, do anarquismo e de toda sociedade que **imponha o sacrifício das singularidades, conseqüentemente, de exemplaridades em nome da maioria**, o instinto de rebanho converte-se num ataque de Nietzsche contra a noção de humanidade e de um valor moral universal, porque entende que a humanidade é ressentida - falando em termos da sua psicologia - e esta precisa do nivelamento, do pensamento igualitário, marca do espírito ressentido por excelência.

E, com a ajuda de uma religião que satisfaz e adulou os mais sublimes desejos do animal de rebanho, chegou-se ao ponto de encontrarmos até mesmo nas instituições políticas e sociais uma expressão cada vez mais visível dessa moral: **o movimento democrático constitui a herança do movimento cristão**. Mas que o seu ritmo é demasiado vagaroso e sonolento para os mais impacientes, para os enfermos e sofredores do mencionado instinto, atestam os uivos cada vez mais raivosos, o ranger de dentes cada vez mais ostensivos dos cães **anarquistas** que erram hoje pelos becos da cultura européia: aparentemente em oposição aos democratas e ideólogos da revolução pacificamente laboriosos, e mais ainda aos broncos filosofastros e fanáticos da irmandade, que se denominam socialistas e querem a “sociedade livre”, mas na verdade unânimes todos na radical e instintiva inimizade a toda outra forma de sociedade que não a do rebanho *autônomo* (chegando à própria rejeição do conceito de “senhor” e “servo” – *ni dieu ni maître*, reza uma fórmula socialista (...))<sup>45</sup>.

A exigência da “humanização” (que assaz ingenuamente se crê de posse da fórmula: “que é o humano?”) é uma **hipocrisia** usada por uma espécie determinada de homens para chegar ao domínio: mais exatamente um instinto determinado, *o instinto de rebanho*. **“Igualdade dos homens”**: eis o que se *esconde* sob a tendência de colocar-se no mesmo nível sempre mais homens, enquanto homens (*in Além do Bem e do Mal*).

Na moral concebida pela subjetividade do escravo, a idéia de viver num ambiente que favoreça o advento, o florescimento de algo que é seu oposto, ou

<sup>44</sup> *Ibid.*, III, aforismo 18, p. 125 (grifos nossos).

<sup>45</sup> NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, seção 202, p.101, 102 (grifos nossos).

seja, de homens nobres que desenvolvem uma ética pessoal, é inconcebível. O que está em jogo no âmbito de uma sociedade aristocrática é a prevalência de uma ética nobre que implica a capacidade para superar-se constantemente em disputas de natureza guerreira, em jogos, lutas e atividades artísticas, não necessariamente nesta ordem. Os nobres antigos entendiam que, exercitando-se nas disputas, eles purgavam os “maus” sentimentos, a saber: a inveja, o ódio, ao mesmo tempo que expressavam seus instintos mais “violentos”:

E não só Aristóteles, mas a antigüidade grega em geral pensa de modo diferente do nosso rancor e inveja, julgando como Hesíodo, que aponta **Eris** como má, a saber, aquela que conduz os homens à luta aniquiladora e hostil entre si, e depois enaltece uma outra como boa, aquela que, como ciúme, rancor, inveja, **estimula os homens para a ação, mas não para a luta aniquiladora, e sim para a ação da disputa. O grego é invejoso e percebe esta qualidade, não como uma falha, mas como a atuação de uma divindade benéfica: - que abismo existe entre este julgamento ético e o nosso! (...) Não se tratava de nenhuma ambição do desmedido e do incalculável, como a maioria das ambições modernas: ao correr, jogar ou cantar nas competições, o jovem pensava no bem de sua cidade natal. (...) Desde a infância, cada grego percebia em si o desejo ardente de, na competição entre cidades, ser um instrumento para a consagração da sua cidade: isto acendia o seu egoísmo, mas, ao mesmo tempo, o refreava e limitava**<sup>46</sup>.

*Não* contentamento, mas sim mais poder; *não* paz, antes de tudo, mas guerra; *não* virtude, mas valor, virtude (no estilo do Renascimento; *virtú*, virtude desprovida de hipocrisia)<sup>47</sup>.

O “instinto de rebanho”, para Nietzsche, subsiste em toda parte, é uma característica fundamental das sociedades modernas, isto é, da civilização ocidental burguesa, fundamentada, sobretudo, nos valores judaico-cristãos. Mas, na realidade o “instinto de rebanho” existiu sempre em qualquer parte para além da Europa onde prevalecesse o espírito do homem ressentido e culpado. Se há ressentimento e culpa, significa que o homem foi “capturado”, domesticado, e, portanto, vive em grupo e está domesticado. Nietzsche denuncia que a socialização visa a habituar os indivíduos a pensar e decidir coletivamente, isto é,

<sup>46</sup> NIETZSCHE, *A Disputa de Homero*, in *Cinco Prefácios para Cinco Livros Não Escritos*, pgs. 78, 79, 82 (grifos nossos).

<sup>47</sup> NIETZSCHE, *O Anticristo*, Aforismo 2, p. 10.

as associações operam de tal forma que não mais é possível afirmar as diferenças e as singularidades de cada indivíduo, passando todos a conceber uma moral única e universal. Afirar uma posição radicalmente oposta ao grupo vai passar, no âmbito das sociedades, cada vez mais como insânia e algo ameaçador e perigoso:

Nenhum desses graves animais de rebanho, de consciência agitada (que propõem defender a causa do egoísmo como causa do bem-estar geral), quer saber e sentir que o “bem-estar geral” não é um ideal, uma meta, uma noção talvez apreensível, **mas apenas um vomitório - que o que é justo para um não pode absolutamente ser justo para outro, que a exigência de uma moral para todos é nociva precisamente para os homens elevados, em suma, que existe uma hierarquia entre homem e homem, e, em conseqüência, entre moral e moral**<sup>48</sup>.

## 4.2.

### O sentimento de vingança e o ascetismo

Ainda num estágio que precede um estado em que os sentimentos gerados pelo ressentimento podem se exacerbar e sair de controle, o tipo ascético ou o sacerdote, símbolo da luta contra os instintos e o corpo vai conceber os expedientes através dos quais as paixões serão abrandadas. Ele sabe perceber e manipular as direções que as explosões de sentimentos tomam na sociedade e concebe uma prática, primeiramente, para não deixar que o ressentimento, ele próprio, perturbe a “paz” do grupo, e, depois, para anestesiar esses sentimentos.

O sacerdote - assim como o “escravo” e o nobre - é uma tipologia moral<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, p.134 (grifo nosso).

<sup>49</sup> Levando em conta os ataques de Nietzsche à moralidade judaico-cristã, julgamos a seguinte observação de suma importância: a crítica nietzschiana concentra-se na tipologia moral e não no povo judeu. Além disso, a sua “crítica” em relação ao judeu nos esclarece sobremaneira sobre a “natureza” do sacerdote. O homem da moral do “escravo” pode ser qualquer um, um alemão, um chinês, um inglês, um indiano, um americano, um francês ou um judeu. O vínculo normalmente concebido pelo senso comum entre Nietzsche e o anti-semitismo, na maioria das vezes, denota a falta de uma leitura mais cuidadosa. Deleuze desfaz esses mal-entendidos ao explicar que as declarações de Nietzsche “Suscitaram as interpretações mais duvidosas. Sabe-se que os nazistas tiveram com a obra de Nietzsche relações ambíguas: **ambíguas na medida em que gostavam de dele (sic) se reclamar, mas não o podiam fazer sem truncar citações, falsificar edições, interditar textos principais.** Em compensação, **o próprio Nietzsche não mantinha relações**

Representa um personagem histórico concreto e vai interpor-se entre o

ambíguas com o regime bismarkiano. Ainda menos com o pangermanismo e o anti-semitismo. Desprezava-os, odiava-os. “Não freqüenteis ninguém que esteja implicado nessa mistificação desavergonhada das raças” (*Oeuvres posthumes*). E o grito do coração: “Mas finalmente, que credes vós que eu sinto quando o nome de Zaratustra sai da boca dos anti-semitas ?” (Cartas a Fritsch, 23 e 29 de março de 1887). Deleuze acrescenta que, “sobre todas estas falsificações dos nazistas, pode-se confrontar o livro de P. M. Nicolas, *De Nietzsche a Hitler* (Fasquelle, 1936), em que as cartas a Fritsch são reproduzidas. Um excelente caso de um texto de Nietzsche utilizado pelos anti-semitas, sendo o seu sentido exatamente o inverso, encontra-se em *Além do Bem e do Mal*, aforismo 251.

Sobre a posição de Nietzsche em relação à temática judaica, Deleuze continua: “Para compreender o sentido das reflexões nietzschianas sobre o judaísmo, é necessário recordar-se que a “questão judaica” se tinha tornado, na escola hegeliana, um tema dialético por excelência. Ainda aí Nietzsche retoma a questão, mas de acordo com o seu próprio método. Pergunta ele: **como é que o sacerdote se constituiu na história do povo judaico?** Em que condições se constituiu, condições que se verificará serem *decisivas para o conjunto da história européia?* **Nada mais evidente do que a admiração de Nietzsche pelos reis de Israel e o Antigo Testamento** (confrontar aforismo 52, *in Além do bem e do mal* e *Genealogia da Moral*, III, 22). O “problema judaico” e o **problema da constituição do sacerdote** nesse mundo de Israel **constituem uma unidade: é este o verdadeiro problema de natureza tipológica**. É por isso que Nietzsche insiste tanto sobre o seguinte ponto: **sou o inventor da psicologia do sacerdote** (*in Ecce Homo*, III, *Genealogia da Moral*). É verdade, segue Deleuze, “que as considerações raciais não estão ausentes em Nietzsche. Mas a raça só intervém como elemento num *cruzamento*, como fator num **complexo fisiológico, e também psicológico, político, histórico e social**. Um tal complexo é precisamente a que Nietzsche chama tipo. O tipo do sacerdote, não existe outro problema para Nietzsche. E este mesmo povo judeu que, num momento da sua história, encontrou as suas condições de existência no sacerdote, **está hoje mais apto para salvar a Europa, para a proteger contra si própria, ao inventar novas condições**”. (DELEUZE, Gilles, *Nietzsche e a Filosofia*, pgs.190, 191, grifos nossos). Nesse sentido é muito interessante verificarmos o aforismo - 251 de *Além do Bem e do Mal* - à medida que é escrito por um autor injustamente considerado como anti-semita. “Os judeus, declara Nietzsche, são sem qualquer dúvida, **a raça mais forte, mais tenaz e mais pura que atualmente vive na Europa; eles sabem se impor mesmo nas piores condições (até mais que nas favoráveis)**, mercê de virtudes que hoje se prefere rotular de vícios - graças, antes de tudo a uma fê resoluta, que não precisa se envergonhar frente às ‘idéias modernas’; eles se transformam, *quando* se transformam, tal como o império Russo faz suas conquistas - como um império que tem tempo e não é de ontem -: isto é, segundo o princípio do ‘mais lentamente possível!’ **Um pensador que tenha na consciência o futuro da Europa contará, nos projetos que fizer consigo no tocante a esse futuro, tanto com os judeus como com os russos, como os fatores mais seguros e mais prováveis no grande jogo e combate de forças**. Aquilo que na Europa tem o apelido de ‘nação’, que na realidade é antes uma *res facta* que *nata* [antes uma coisa feita que nascida] (e às vezes pode ser confundida com uma *res ficta et picta* [coisa imaginada e pintada]), é de todo modo algo em evolução, jovem, facilmente mutável, não é ainda uma raça, muito menos algo *aere perennius* [mais perene que o bronze], como o tipo judeu: essas ‘nações’ deveriam precaver-se muito bem de toda hostilidade e concorrência inflamada! Que os judeus *poderiam*, se quisessem - ou se fossem obrigados, como parecem querer os anti-semitas-, **ter já agora a preponderância, e mesmo literalmente o domínio sobre a Europa, isto é certo; que eles não trabalham nem fazem planos para isso, é igualmente seguro**. Entretanto o que eles desejam e anseiam, com insistência quase importuna, é serem absorvidos e assimilados na Europa, pela Europa, querem finalmente se tornar estabelecidos, admitidos, respeitados em algum lugar, pondo um fim à sua vida nômade, ao ‘judeu errante’ -; **esse ímpeto e pendor (que talvez já indique um abrandamento dos instintos judaicos) deveria ser considerado e bem acolhido: para isso talvez fosse útil e razoável expulsar do país os agitadores anti-semitas**”. (Nietzsche, *Além do Bem e do Mal*, aforismo 251, p. 159, grifos nossos).

Walter Kaufmann, em sua tradução de *Além do Bem e do Mal*, p.188,189, acrescenta que o fragmento acima, assim como vários outros, “**foram omitidos pelos nazistas e por Richard Oehler**, um dos editores das obras reunidas que escreveu o primeiro livro nazista vinculando Nietzsche a tal ideologia (*Friedrich Nietzsche und die deutsche Zukunft*, Leipzig, 1935)”. Confrontar Walter Kaufmann, *Nietzsche, Philosopher, Psychologist, Antichrist*, capítulo 10.

**ressentimento e a “má consciência”**, entre o julgamento que imputa à vida a causa dos males, e a introjeção desta causa na alma. Ele, o sacerdote ascético, este aparentemente inimigo da vida - “negador, ele exatamente está entre as grandes potências *conservadoras* e *afirmadoras* da vida...”<sup>50</sup> -, é o doente que é mais forte entre os doentes para aconselhar, acalmar e estabelecer normas de conduta. À medida que a religião perdeu a força de influência e a organização das sociedades foi-se complexificando, a figura de guia e líder passa a fazer-se representar, sobretudo nas sociedades modernas, na figura de um pai, de um educador, do “psicólogo”, do médico, do político. Estes representam instâncias que funcionam como **dispositivos disciplinares**<sup>51</sup> e visam a enquadrar os indivíduos dentro de modelos de comportamento, para que “aprendam” a controlar seus impulsos. No fundo, a intervenção da figura do sacerdote significa duas coisas: primeiramente, que os homens não podem ser deixados livres para fazerem avaliações por si próprios, pois sozinhos eles têm menos força para resistir aos apelos dos impulsos; em segundo lugar, que a depressão oriunda da repressão da carga instintual deve ser correta e adequadamente canalizada. Era necessário, diz-nos Nietzsche, aprisionar e inibir as avaliações a partir dos instintos, torná-los tão enfraquecidos que, prontamente - pela depressão -, o tipo “escravo” sucumbiria à aproximação solícita de um sacerdote, de um “aconselhador”, para lhe oferecer a “cura”. O sacerdote vai domesticar os homens e cuidar para que os excessos de sentimentos não ultrapassem certos limites:

Ele tem de ser forte, ainda mais senhor de si do que os outros, inteiro em sua vontade de poder, para que tenha a confiança e o temor dos doentes, para que lhes possa ser amparo, apoio, resistência, coerção, instrução, tirano, deus<sup>52</sup>.

<sup>49</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo13 p.11.

<sup>50</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo13 p.110.

<sup>51</sup> No entanto, Nietzsche ressalta uma certa positividade da igreja que podia, na Idade Média, “conter as forças antagônicas e, numa certa medida, assimilá-las umas às outras pela forte pressão que ela exercia. Quando o laço se rompeu, quando a pressão foi relaxada, os homens se rebelaram uns contra os outros. A Reforma proclamou que haveria ainda muitas *adiaphora* (coisas indiferentes), coisas que pertenciam a domínios que não vinham do pensamento religioso. Este foi o preço que ela própria precisou pagar para adquirir, ela própria, o direito de continuar vivendo, tal como o cristianismo tinha já pago um preço equivalente para afirmar sua existência diante da Antigüidade, que era muito mais religiosa do que ele. Desde então, esta separação aumentou progressivamente. Agora, quase tudo na terra é determinado exclusivamente pelas forças **mais grosseiras e mais malignas, pelo egoísmo dos proprietários e pelos déspotas militares**. O Estado, nas mãos destes últimos, tenta antes, tal como o egoísmo dos proprietários, reorganizar tudo em seu proveito e se tornar o liame e a pressão de todas estas forças antagônicas: quer dizer, ele deseja que os homens pratiquem em relação a ele o mesmo culto idólatra que há pouco tempo eles consagravam à igreja (...) *Schopenhauer como Educador* 4, pgs. 167, 168 (grifos nossos).

<sup>52</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo13, pgs. 141, 142.

O sacerdote vai organizar o caos e perceber a tendência à histeria que a dor faz aparecer. Vai organizar a doença e, ao mesmo tempo, **disseminar e administrar** a tristeza nesta sociedade - de doentes -, certificando-se de que uns influenciem os outros. A depressão, porém, deverá ser mantida em certos níveis, ao mesmo tempo débil o suficiente para não provocar uma desestabilização e uma revolta, mas em níveis suficientes para manter um certo anestesiamento de sentimentos mais intensos. Administrando o mal-estar, ele vai utilizar mecanismos que moldarão definitivamente a rede de relações sociais, morais, afetivas e jurídicas numa determinada comunidade, ou - o que é o mesmo para Nietzsche - no “rebanho”:

Os meios usados pelo sacerdote ascético que conhecemos até o momento - **o amortecimento geral** do sentimento de vida, a atividade maquinal, a pequena alegria, a do “amor ao próximo” sobretudo, a organização gregária, o despertar do sentimento de poder da comunidade, em conseqüência do qual o desgosto do indivíduo consigo mesmo é abafado por seu prazer no florescimento da comunidade - estes são medidos pelo metro moderno, seus meios inocentes no combate ao desprazer: voltemo-nos agora para os mais interessantes, os “culpados”. Em todos eles trata-se de uma coisa: algum excesso de sentimento - utilizado contra a dor surda, constante, paralisante, como o mais efetivo meio de anestesia<sup>53</sup> (...)

De fato, ele defende muito bem o seu rebanho enfermo, **esse estranho pastor** - ele o defende também de si mesmo, da baixeza, perfídia, malevolência que no próprio rebanho arde sob as cinzas, e do que mais for próprio de doentes e combalidos; **ele combate, de modo sagaz, duro e secreto, a anarquia e a autodissolução que a todo momento ameaçam o rebanho, no qual aquele mais perigoso dos explosivos, o ressentimento, é continuamente acumulado**<sup>54</sup>.

Assim, quando as paixões ou instintos - aqueles que, interiorizados, produziram ressentimento - ameaçam sair do controle sem uma determinada direção, elas podem tornar-se extremamente ameaçadoras e perniciosas, ainda mais do que a “má consciência”. Obrigam o homem desta moral a reconhecer e impor a si mesmo limites, mas ele precisa convencer-se de que é ele quem “escolhe”, quem toma a atitude de não ultrapassar limites. Porém, quando o

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 159.

<sup>54</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo 15, p.116 (grifos nossos).

ressentimento ameaça explodir, ele parece compreender, por assim dizer, inconscientemente, que a sua inibição é produto de uma impotência, ou, para usar um termo mais forte, de uma covardia<sup>55</sup>:

Sofrendo de si mesmo de algum modo, em todo caso fisiologicamente, como um animal encerrado na jaula, confuso quanto ao porquê e para quê, ávido de motivos - motivos aliviam -, ávido também de remédios e narcóticos, o homem termina por aconselhar-se junto a alguém que conhece também as coisas ocultas - e vejam! Ele recebe uma indicação, recebe do seu mago, o sacerdote ascético, a primeira indicação sobre a “causa” do seu sofrer: ele deve buscá-la *em si mesmo*, em uma culpa, um pedaço de passado, ele deve entender seu sofrimento mesmo como uma *punição* ...<sup>56</sup>.

O sacerdote vai operar uma transformação fundamental, através da qual uma **“vontade de nada”**, se torna um **“nada de vontade”**, e é justamente daí que ele, o sacerdote, vai extrair o seu quinhão de poder. Se a vida é culpada pelos males do indivíduo, este ainda pode possuir vontade, ainda que seja para negar a vida - no sentido afirmativo -, o que, segundo Nietzsche, é uma *“vontade de nada”*. Mas, desde que o indivíduo torna-se culpado, a sua vontade é suprimida. É um afeto ainda pior, na medida em que produz uma apatia. Se, no ressentimento, as energias dirigem-se para fora, neste caso, quando a vontade já não tem um alvo, uma meta, ela se nadifica, ela se torna um não-querer, um “nada de vontade”, e vai novamente precisar ser estimulada numa direção específica, qualquer uma, contanto que ela - a vontade - volte a querer. O tipo ressentido passa a precisar de um líder, um guia, e deixa-se dominar e conduzir por aquele que promete aliviá-lo de sua dor. O sacerdote aparece em qualquer lugar e tempo, é um personagem que tem vários rostos, “Pois consideremos com que regularidade, com que universalidade, como em quase todos os tempos aparece o sacerdote ascético; **ele não pertence a nenhuma raça determinada; floresce em toda parte; brota de**

<sup>55</sup> Quando o Nietzsche filólogo busca a origem da palavra *bom*, constatando a decadência moral dos nobres - como tipologia moral -, ele nos diz que a nobreza vai ser substituída por uma **aristocracia sacerdotal** e, visando exclusivamente à sua conservação psíquica e física, vai tratar de inverter certos valores que não convinham a ela por se tratarem de valores que enalteciam a agressividade e as paixões: “Com o declínio da nobreza, declara Nietzsche, a palavra resta para designar a **aristocracia espiritual**, tornando-se como que doce e madura. Na palavra *ΚαΚς* [mau, feio], assim como em *δελς* [tímido, covarde] (o plebeu em contraposição ao *αγαθς* bom), enfatiza-se a covardia: isto sugere em que direção se deve buscar a origem etimológica de *αγαθς*, passível de interpretações diversas” (*Genealogia Da Moral*, I, aforismo 5, p.22).

**todas as classes”**<sup>57</sup>.

Porém, o homem ressentido é impotente demais para agir, ou melhor, reagir, e se torna ainda mais ressentido numa direção que não se pode prever. De acordo com Nietzsche, o sacerdote intercede e traz com ele uma “novidade”, ou seja, a de que é o homem ressentido o gerador do seu próprio mal-estar. **O ódio que ia para fora, agora vai para dentro e transforma-se na culpa, num afeto de falta íntima.** A depressão e o ressentimento se intensificam e o indivíduo vai elaborando um sentimento de vingança contra “quem” ou contra o mundo que o obrigou a reprimir seus impulsos:

**Agora a dor toma um rumo inédito na História humana.** A dor proveniente do ressentimento - ou dos instintos que se voltam para dentro - e da “má consciência” - a aceitação do ressentido de que esta dor é “culpa dele mesmo” - passa a ser querida, acalentada e até ansiosa e “secretamente” desejada. E nesse estranho balé o homem vai se enredando e aprendendo a gostar, a gozar e mesmo a se viciar neste sofrimento prazeroso. Seduzido pelo gozo da sua própria dor, ele passa a racionalizar - orgulhoso de seu intelecto - os “motivos” da sua dor, e dessas “reflexões”, vai tirar as teorias que vão explicar o mundo e justificar o seu sofrimento. O enraizamento e a percepção distorcida da dor, isto é, a necessidade desesperada de buscar e encontrar **“um sentido para a dor”**<sup>58</sup>, vai converter-se **num dos sintomas mais claros a partir do qual um homem pode ser considerado doente**, segundo Nietzsche, e símbolo da moral do ressentimento ou do “último homem”.

A cultura tem em sua base, para Nietzsche, essa raiz comprometida com a culpa e, através dela, o homem toma **um caminho sem volta, aparentemente tornando-se irrecuperável em relação à superação dos afetos negativos. É interessante notar que, de certa forma, no ressentimento, pode haver uma certa positividade em relação à “má consciência”, na medida em que o indivíduo ainda não introjetou a culpa.** Depois disso, quando a culpa é já um acontecimento **automático** na percepção do indivíduo, a auto-superação torna-se então seu principal e mais problemático desafio.

O tipo “escravo” é um homem que sofre com a idéia de vida como ciclo

<sup>56</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo20, pgs.129, 130.

<sup>57</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo11, p.107 (grifo nosso).

<sup>58</sup> *Ibid.*, III, aforismo 28, p.149.

entre o nascimento, crescimento e morte, ou, o que dá no mesmo, ascensão, decadência ou velhice<sup>59</sup>, e morte. Para se proteger em meio a este turbilhão de angústias e falsos problemas que ele mesmo cria – e são falsos enquanto que a realidade será sempre concebida através de uma consciência culpada geradora de afetos depressores que contaminam, por sua vez, todos os ajuizamentos de valor e todas as percepções que o indivíduo tem de si e do que está fora dele. Acreditando ser “a” realidade aquela que ele enxerga através de um sentimento de culpa, mas mal suportando sua própria criação, o homem passa a ter urgência na concepção de teorias ou filosofias, religiões e ideais que lhe dêem consolo e segurança necessários para não enlouquecer. Ele se serve de expedientes e práticas desenvolvidas ao longo da História que alcançam o auge na figura do “santo” e nas práticas ascéticas, práticas essas que ajudam a aliviar as dores de uma existência por demais intensa.

Mas, o cultivo do ascetismo não precisa, necessariamente, almejar a santidade ou a “pureza” espiritual. Este ponto é muito importante e talvez apresente uma **interessante ambigüidade** em Nietzsche, pois ele, que com tanta veemência empreende uma crítica violenta - e compreensível, dentro do quadro que estamos analisando - contra o ascetismo, ao mesmo tempo vai reconhecer a **necessidade imperiosa** do indivíduo impor-se limites. Mas este impor-se limites é dirigido ao homem nobre porque só ele está, digamos, equipado animicamente, para dar conta das intensidades da vida sem ser por elas consumido e destruído. O tipo fraco também estabelece limites, mas, neste, os limites ou censuras tem um forte componente moralista. No *pathos* aristocrático, os limites, ou melhor, a **disciplina**, tem como objetivo e “meta” deixá-lo à vontade e **livre** com suas intensidades e paixões, em qualquer que seja a tarefa que ele se imponha, ou no que Goethe chamava tão apropriadamente de *noblesse oblige*. Nietzsche apresenta o ascetismo como um meio de se fortificar uma vontade, e de se educar para a disciplina, logo, para a liberdade, e **não somente como um meio de aliviar o sofrimento proveniente da impotência para afirmar a vida**, tal como o tipo fraco o pratica:

---

<sup>59</sup> Não vemos na velhice necessariamente um sinal de decadência. Se Nietzsche nos lembra no *Zarathustra* em *Da morte voluntária* que, “**uma boca sem dentes não tem direito a todas as verdades**”, é no sentido de abalar nossas convicções e nos acordar **a tempo** enquanto o corpo responde com vigor às exigências do espírito. Nietzsche também faz a crítica da forma como

**Um certo ascetismo, uma dura e serena renúncia feita com a melhor vontade, está entre as condições propícias à mais elevada espiritualidade, e também entre as suas conseqüências naturais** <sup>60</sup>.

Porém, a sutileza da análise e da descoberta de Nietzsche permite mostrar, no cultivo do *ideal ascético*, o meio de sublimar o sofrimento ocasionado pela internalização dos instintos. O ascetismo, conforme Nietzsche analisa, na *Genealogia da Moral*, é ancestral, mas de uma maneira geral ele parece ter se sofisticado à medida que o tempo foi passando ou, dito de outra forma, **à medida que a capacidade para sofrer foi diminuindo**. Quer dizer, quando a dor aumenta, o indivíduo precisa inventar e reinventar métodos cada vez mais eficazes que os anteriores para “ir levando a vida”. Como o século XIX sofre tremendos avanços científicos, é possível que Nietzsche tenha observado com espanto e horror o surgimento e a sofisticação dos analgésicos - e a descoberta da anestesia -, das clínicas de “saúde” e práticas em geral de controle social de corpos e mentes, através da medicalização. O homem culpado percebe que, controlando os hábitos corporais, poderia exercer uma vigilância mais eficaz no que concerne aos instintos. O *ideal ascético* hoje pode ser lido nos dizeres de Christopher Lasch: “a emergência de uma **ideologia terapêutica**”<sup>61</sup>, em que uma incessante preocupação com a “saúde”, não em prol do risco, mas a serviço da duração da vida e do medo da morte, toma lugar de proeminência. Poderíamos dizer que esse medo é ancestral e, digamos, natural, já que tudo que vive tende a querer continuar vivendo, porém, segundo o exame nietzschiano, este medo transformou-se, no “último homem”, em um abjeto sentimento de pânico angustiante e ansioso diante da morte, um medo acovardado. É interessante, neste caso, ler o que nos diz Lasch sobre o sentimento exacerbado com a “saúde”:

A medicina e a psiquiatria – mais geralmente, o ponto de vista e a sensibilidade terapêutica que invadem a sociedade moderna – reforçam o padrão criado por outras influências culturais, nas quais o indivíduo examina-se interminavelmente, à procura de sinais de velhice e doença, de sintomas indicadores de tensão psíquica, por manchas e imperfeições que possam diminuir sua

---

envelhecemos e morremos, como ainda não aprendemos a transformar a morte em festa e o suicídio em afirmação alegre. Mais adiante abordaremos o assunto.

<sup>60</sup> *Ibid.*, III, aforismo 9, p.101 (grifo nosso).

<sup>61</sup> LASCH, Christopher, *A Cultura do Narcisismo*, p.74 (grifo nosso).

atração, ou por outro lado, para confirmar as indicações de que sua vida está seguindo de acordo com o esquema<sup>62</sup>.

É da observação das práticas ascéticas na Antigüidade ou na sua época - e ficamos imaginando o que ele não diria da nossa -, que Nietzsche constrói sua magnífica análise do *ideal ascético*. A partir da obsessão com a “saúde” ou do *ideal ascético*, o homem - ou a mulher - da “má consciência” torna o discurso sobre a “saúde” e o “bem estar” uma espécie de obsessão ao redor da qual - sobretudo na chamada modernidade ou pós-modernidade - todos orbitamos. O indivíduo passa a orientar a sua vida por uma busca de práticas através das quais ele vai aliviar um desconforto, físico ou psíquico, porém, mais do que o alívio, o que esse fenômeno mostra é que as pessoas “**deixam de sonhar com a superação de dificuldades, mas simplesmente passam a sobreviver a elas**”<sup>63</sup>. É o que no seu brilhante livro, *A Cultura do Narcisismo*, Christopher Lasch chamou de *mentalidade de sobrevivência*.

Seguindo a linha de Nietzsche, o fundamental na percepção que a consciência culpada tem da existência é achar um **sentido**, uma razão para a dor - poderíamos dizer, numa expressão menos filosófica, mas nem por isso menos eficaz, que a falta de sentido para a dor passa a ser “a pedra no sapato que nunca sai”. O ressentido anseia um *para quê*, para toda essa dor - conforme nos diz a seção 24 da *Genealogia* -, ou, se encontrar um culpado para ela, tanto melhor:

“Alguém deve ser culpado de que eu esteja mal” - esta maneira de raciocinar é comum a todos os doentes, tanto mais quanto lhes é desconhecida **a verdadeira causa do seu mal-estar, a fisiológica** (-ela pode encontrar-se, digamos, numa enfermidade do *nervus sympathicus*, numa anormal secreção de bÍlis, numa pobreza de sulfato e fosfato de potássio no sangue, em estados de tensão do baixo ventre que impedem a circulação do sangue, ou ainda numa degeneração dos ovários, etc.). **Os sofredores são todos horrivelmente dispostos e inventivos, em matéria de pretextos para seus afetos dolorosos**<sup>64</sup>.

Mas é preciso ressaltar que Nietzsche enfatiza uma certa positividade na religião, quando ela contribui para dar “sentido” aos homens e, digamos, também

<sup>62</sup> LASCH, Christopher, *A Cultura do Narcisismo*, p. 75

<sup>63</sup> LASCH, Christopher, *A Cultura do Narcisismo*, p. 75, (grifo nosso).

quando estimula um tipo de pretexto para o cultivo da disciplina, pelo menos numa determinada época. Mas esta positividade deve ser observada com muitas ressalvas.

Ele nos mostra que há dois momentos em que a religião vai atuar e servir no sentido contrário à depreciação da vida, principalmente de maneira tonificante, na medida em que pode também propiciar e estimular a autodisciplina. O primeiro é quando ele analisa o aspecto positivo e afirmador de algumas religiões que instigavam coragem e alegria e tinham a função, por assim dizer, higiênica, de expurgar do homem sentimentos inibidores e de culpabilidade. No período intermediário entre o pré-histórico (ou pré-moral) e o civilizado, lembra Nietzsche que a relação do homem da classe dos nobres com os deuses não era a da culpa, da dívida, já que, **não tendo introjetado a “má consciência”**, não tinha o sentimento da falta ou daquele que é devedor. Ao contrário, era uma relação de exaltação e celebração da vida, isto é, de tudo que dizia respeito aos instintos. Os gregos do chamado período pré-socrático, por exemplo, dominavam ativamente o seu ressentimento, projetando a culpa para os deuses, e desta forma a expurgavam:

Por muito e muito tempo, esses gregos se utilizaram dos seus deuses precisamente para manter afastada a “má consciência”, para poder continuar gozando a liberdade da alma: uso contrário portanto, ao que o cristianismo fez do seu Deus <sup>65</sup>.

Mesmo o Budismo, ao qual Nietzsche na *Genealogia da Moral* acusa ser niilista, teria tido o mérito, em relação ao cristianismo, de não ter o ressentimento e a culpa como meios de “tratamento” das paixões:

O ressentimento é o proibido *em si* para o doente - seu mal: infelizmente também sua mais natural inclinação. - Isso compreendeu aquele profundo fisiólogo que foi Buda. Sua **“religião”, que se poderia designar mais corretamente como uma *higiene*, para não confundi-la com coisas lastimáveis como o cristianismo**, fazia depender sua eficácia da **vitória sobre o ressentimento**: libertar a alma *dele* - primeiro passo para a convalescença <sup>66</sup>.

<sup>64</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, aforismo 15, p.117 (grifos nossos).

<sup>65</sup> *Genealogia da Moral*, II, aforismo 23, p.82 (grifo nosso).

“O cristianismo, para Nietzsche”, diz Deleuze, “é a invenção mais cruel de todas as outras e o deus cristão como sendo a divinização dos ideais, o niilismo santificado e a transformação da instintividade em potências reativas, é, contudo, **separado da figura histórica do Cristo (...)** se se considerar o Cristo como tipo pessoal distinguindo-o do cristianismo como tipo coletivo, **é preciso reconhecer até que ponto Cristo estava isento de ressentimento, de “má consciência”;** **definiu-se por uma boa nova, apresenta-nos uma vida que não é a do cristianismo, assim como o cristianismo é uma religião que não é a de Cristo.** (Deleuze, *Nietzsche e a Filosofia*, pgs. 214, 215 (grifos nossos).

O segundo momento dá-se já dentro de um âmbito de relações sociais, por assim dizer, aristocrático, isto é, onde não é o “escravo”, o fraco, quem vai dominar o nobre, o forte - estrategicamente, utilizando-se da psicologia do ressentimento e da “má consciência” -, mas onde será o nobre quem vai educar e mandar. Mandar, no sentido de educar para a disciplina do espírito e do corpo, e dar uma tarefa àqueles que “poderão dominar e comandar algum dia”.

Nestas circunstâncias, a religião teve um papel vital e serviu tanto como um veículo positivo na formação e aprimoramento do homem nobre, como na educação, na formação e disciplina dos homens predispostos a superar-se:

O filósofo tal como *nós* o entendemos, nós espíritos livres - como o homem da responsabilidade mais ampla, que se preocupa com a evolução total do homem: esse filósofo se utilizará das religiões para a sua obra de educação e cultivo, do mesmo modo que se utilizará das condições políticas e econômicas do momento. A influência cultivadora, seletiva, isto é, tanto destrutiva quanto criadora e modeladora, que se pode exercer com ajuda das religiões, é sempre múltipla e diversa, conforme o tipo de homens colocados sob seu domínio e proteção <sup>67</sup>.

A questão do ascetismo aponta igualmente para uma fundamental função que a religião pode exercer no auxílio e no processo de auto-superação do homem mais fraco, isto é, fazer com que ele se pré-disponha a disciplinar-se, mesmo por meio de valores negativos. Segundo Nietzsche, a religião, através de determinadas práticas disciplinares e seus dogmas chega - ou chegou - a instigar em outros

<sup>66</sup> *Idem, Ecce Homo, Por Que Sou Tão Sábio*, seção 6, pgs. 30, 31 (grifos nossos).

<sup>67</sup> Nietzsche. *Além do Bem e do Mal*, seção 61, p.64

tempos uma direção e uma disciplina aos indivíduos. Neste curioso fragmento abaixo, Nietzsche aponta para uma certa positividade da religião no que tange a criar uma disposição de espírito afirmadora no tipo mais fraco:

A religião também fornece, a uma parte dos dominados, orientação e oportunidade de preparar-se para dominar e comandar algum dia: àquelas classes e camadas que sobem lentamente, nas quais não param de crescer, mediante felizes costumes matrimoniais, a força e o prazer da vontade, **a vontade de autodomínio** - a elas a religião oferece estímulos e tentações suficientes para percorrer o caminho da espiritualidade superior, **para colocar à prova os sentimentos da grande superação de si mesmo**, do silêncio e da solidão - **ascetismo e puritanismo são meios de educação e enobrecimento quase indispensáveis, quando uma raça pretende triunfar de sua origem plebéia e ascender ao domínio futuro**<sup>68</sup>.

Para o homem comum<sup>69</sup> - da “má consciência” -, a vida é algo que deve ser transcendido, substituído por um **além-mundo**. Deus é um pretexto, um fundamento e uma causa necessária, a prova essencial de que há uma ordem e uma razão no universo, em tudo o que existe no mundo, logo, a noção de deus ajuda a elaborar a noção de “**sentido**”, e o tipo “escravo” não vai mais sentir-se à deriva, ele finalmente encontra um **por quê**, um **para quê**, para a vida e seu sofrimento:

**O pensamento em torno do qual aqui se peleja, é a valoração de nossa vida por parte dos sacerdotes ascéticos:** esta (juntamente com aquilo a que pertence, “natureza”, “mundo”, toda a esfera do vir a ser e da transitoriedade) é por eles colocada em relação com uma existência inteiramente outra, a qual exclui e à qual se opõe, *a menos* que se volte contra si mesma, que *negue a si mesma*: neste caso, o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência. **O asceta trata a vida como um caminho errado, que se deve enfim desandar até o ponto onde começa; ou como um erro que se refuta - que se deve refutar com a ação: pois ele exige que se vá com ele, e impõe, onde pode, a sua valoração da existência**<sup>70</sup>.

---

<sup>68</sup> *Idem.*

Para o homem *culpado*, tal crença no sentido que ele imprime à vida tem uma conseqüência ímpar, pois significa que o sofrimento na vida, isto é, nesta existência presente, passa a estar justificado. Através dos preceitos morais elaborados para endossar e respaldar moral e filosoficamente sua impotência e fraqueza - que o tipo “escravo” justifica com a idéia de que a vida é injusta - ele se convence de que há uma “providência”, que o destino não é obra sua, e de que é inútil agir “por conta própria” pois seu destino está “escrito”.

Através da argumentação de que “a” vida real está ainda por ser vivida num outro mundo, o tipo “escravo” concebe um último, espetacular e, não podemos negar, genial mecanismo de alívio da enorme frustração que a repressão dos instintos acarreta, ou seja, ele vai passar a viver do adiamento de seus desejos e do cultivo do hábito da **esperança**<sup>71</sup>. A esperança constitui-se no alfa e no

<sup>69</sup> Comum, aqui, significa vulgar, mesquinho, fraco, triste e - como tipologia moral - “escravo”, em comparação à “natureza” aristocrática, nobre, que compreende o sentimento de alegria e vida como vinculados à idéia de esforço e superação permanente de obstáculos.

<sup>70</sup> Nietzsche, *Genealogia da Moral*, III, aforismo 11, pgs.130, 131 (grifos nossos).

<sup>71</sup> Nietzsche mostra como os impulsos recebem a “roupagem” da cultura e da moral na qual se está inserido e, sobretudo, enfatiza que instintos negativizados em uma determinada época e cultura, são enaltecidos em outra. Um mesmo sentimento ou instinto será sintoma do *pathos* nobre numa determinada época, e noutra de fraqueza. Em *Aurora* ele nos explica por que: “*Os Instintos transformados pelos juízes morais*. - O mesmo instinto torna-se o penoso sentimento da *covardia*, sob efeito da recriminação que os costumes lançaram sobre tal instinto; ou o agradável sentimento de *humildade*, caso uma moral como a cristã o tenha encarecido e achado *bom*. Ou seja: **ele é acompanhado de uma boa ou de uma má consciência!** Em si, *como todo instinto*, ele não possui isto nem um caráter e denominação moral, nem mesmo uma determinada sensação concomitante de prazer e desprazer: adquire tudo isso, como sua **segunda natureza**, apenas **quando entra em relação com instintos já batizados de bons e maus, ou é notado como atributo de seres que já foram moralmente avaliados e estabelecidos pelo povo**. - Assim os antigos gregos olharam a *inveja* de forma diferente de nós; Hesíodo a inclui entre os efeitos da boa Éris, e não era ofensivo reconhecer algo de invejoso nos deuses: compreensível, num estado de coisas que tinha por alma a competição; mas a competição era avaliada e estabelecida como algo bom. De igual modo, os gregos eram **diferente de nós** na avaliação da **esperança**: viam-na como cega e pérfida; Hesíodo insinuou numa fábula a coisa mais forte sobre ela, algo tão estranho que nenhum intérprete recente o compreendeu - pois **vai de encontro ao espírito moderno**, que aprendeu com o cristianismo, a acreditar na esperança como uma virtude. Já entre os gregos, que não tinham por inteiramente fechado o acesso ao conhecimento do futuro, e para os quais, em inúmeros casos, uma indagação sobre ele tornou-se uma obrigação religiosa, **quando nós nos satisfazemos com a esperança, ela teve, graças aos oráculos e adivinhos, de ser um tanto rebaixada e degradada em algo ruim e perigoso**. - Os judeus perceberam a *ira* de forma diferente de nós e a declararam sagrada: viram a sombria majestade do ser humano, com que ela se mostrava associada, a uma altura que um europeu não pode conceber; moldaram o seu irado e santo Jeová conforme os seus irados e santos profetas. Medidos por eles, os grandes furiosos, entre os europeus, parecem criaturas de segunda ” (*Aurora*, livro I, seção 38, grifos nossos).

Se os instintos tomam feições diversas, dependendo dos valores humanos, de um determinado tempo e cultura, não se deve inferir disto contradição, em absoluto. A intenção de Nietzsche é sublinhar que um determinado afeto, dentro de um contexto, pode ser interpretado como sintoma de impotência e covardia, e, em outro, como sinal de força e positividade, como, por exemplo, o sentimento de “esperança” em *Da árvore do monte*, quando ele declara, na boca de Zaratustra, o seguinte: “Conheci homens nobres, ai de nós, **que tinham perdido a sua mais alta esperança**. E, então caluniavam todas as altas esperanças”, e, logo adiante, conclui, “Mas, pelo meu amor e

ômega das crenças religiosas, em particular, no judaísmo e no cristianismo, em que por meio dos sentimentos de temor e esperança, convencem seus adeptos de que a “verdadeira” existência está por vir, e de que os prazeres “reais”, a felicidade, também.

O sacerdote, portanto, organiza estas idéias e o sentimento de culpa, transforma-os em fórmulas morais sobre os quais elabora valores e os hábitos do homem e deste com o mundo, aliás, com os “dois mundos”:

De fato, o sacerdote ascético não hesitou em tomar a seu serviço toda a matilha de cães selvagens que existe no homem, soltando ora um, ora outro, sempre com o mesmo objetivo, despertar o homem da sua longa tristeza, pôr em fuga ao menos por instantes a sua surda dor, sua vacilante miséria, e sempre sob a cobertura de uma interpretação e “**justificação religiosa**”...<sup>72</sup>.

Ao datar o “ideal ascético” com o advento da moral judaico-cristã e identificando-o como um sintoma preponderante da chamada civilização, Nietzsche enfatiza que o ascetismo está de tal forma **impregnado na psique humana**, que é quase possível inferir que este nasceu com o homem e sempre esteve, desde os primórdios, presente na história humana. Um atavismo que o homem do ressentimento entranhou e uma das maiores ilusões que ele carrega juntamente com a noção de sujeito:

---

esperança, eu te suplico: não deites fora o herói que há em tua alma! **Conserva sagrada a tua mais alta esperança!**” (pgs.60, 61, grifos nossos). Aqui ela constitui uma virtude positiva, é a esperança do tipo nobre a florescer um dia. Mas, em *Aurora* - como citado acima - e *Humano demasiado Humano*, seção 71, Nietzsche expõe como para os gregos o sentimento de esperança era considerado nefasto assim como em Spinoza, que considerava a esperança um afeto negativo, na medida em que “**não podia ser bom em si mesmo, mas sim, apenas enquanto pode entrar os excessos de alegria**” (*Ética IV, Proposição XVII*, grifo nosso) Nietzsche nos alerta: “*O problema dos que esperam: (...) Em todos os cantos da terra existem aqueles que esperam, mal sabendo em que medida esperam, e menos ainda que esperam em vão. Por vezes também chega muito tarde a chamada que desperta, aquele acaso que traz a “permissão” para o agir - quando a melhor juventude e força para agir já foi consumida pela inação; e muitos sentiram com espanto ao se ‘pôr de pé’, os membros já dormentes e o espírito pesado! ‘É tarde demais!’ - disseram a si mesmos, descrentes de si e desde então inúteis para sempre. (...) Seria o ‘Rafael sem mãos’, no sentido mais amplo, a regra e não a exceção, no reino do gênio? - Talvez o gênio não seja tão raro; mas são raras as quinhentas mãos (sic) que ele necessita para tiranizar o Καίρός (kairós), o ‘momento justo’, para agarrar o acaso do melhor jeito!’.* (*Além do Bem e do Mal*, seção 274, pgs. 187, 188, grifo nosso).

<sup>72</sup> Nietzsche, *Genealogia da Moral*, III, aforismo 20, pgs.128,129 (grifo nosso).

Lida de um astro distante, a escrita maiúscula de nossa existência terrestre levaria talvez à conclusão de que **a terra é a estrela ascética por excelência**, um canto de criaturas descontentes, arrogantes e repulsivas, que jamais se livram de um profundo desgosto de si, da terra, de toda a vida, e que **a si mesmas infligem o máximo de dor possível, por prazer em infligir dor - provavelmente o seu único prazer** <sup>73</sup> (...)

**O que é a neurose?** (*Quaeritur* [Pergunta-se]. Falando em termos gerais, o ideal ascético e seu culto **moral-sublime**, essa tão inventiva, inconsiderada, perigosa sistematização de todo os meios conducentes ao excesso do sentimento, sob a capa das mais sanas intenções, **o ideal ascético inscreveu-se de maneira terrível e inesquecível em toda a história do homem** <sup>74</sup>

Em realidade, quando analisa o emaranhado de afetos do homem comum com a expressão: **“As convulsões de uma felicidade desconhecida”**<sup>75</sup>, Nietzsche dá provas do filósofo-psicólogo sem igual<sup>76</sup> que ele foi, e demonstra **o mais paradoxal e intrigante mecanismo afetivo, digamos assim, do homem desde o início das culturas humanas, a saber: o prazer com a própria dor**. Na esteira

<sup>73</sup> *Ibid.*, III, aforismo 11, p. 131 (grifo nosso).

<sup>74</sup> *Ibid.*, III, aforismo 21, p.132 (grifos nossos).

<sup>75</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, p. 130 (grifo nosso).

<sup>76</sup> Nietzsche, como se sabe, não é possuidor do comportamento tipicamente afetado e pequeno burguês da modéstia, ou melhor, da falsa modéstia. Fica claro nos seus escritos que Nietzsche estava ciente de sua genialidade e de suas profundas intuições, mas quando ele fala de si mesmo, está nos apontando para algo além de uma simples auto-exaltação orgulhosa. Após de algumas declarações sobre a sua própria capacidade, está falando sobre uma outra coisa, evidentemente - em se tratando da grandeza de Nietzsche - de teor filosófico. Nos lembramos da estória do mestre que aponta para a lua e o mau discípulo fica a contemplar os dedos. É preciso ouvir o que Nietzsche está dizendo e não se prender a uma suposta megalomania. Assim, ele não reluta em expressar o que pensa de si mesmo - e de outras coisas entre as linhas - quando escreve: **“Que em meus escritos fala um psicólogo como nunca houve igual, essa é decerto a primeira constatação a que chega um bom leitor (...) A moral falsificou toda a psicologia do fundo ao topo (...) Ecce Homo, Porque Escrevo Tão Bons Livros**, seção 5, p.58 (grifo nosso). **“Antes de mim não havia absolutamente psicologia**. – Ser nisto o Primeiro pode ser uma maldição, é em todo caso um destino: *por ser também o primeiro a desprezar...O nojo do homem é o meu perigo...*” *Ecce Homo, Por Que Sou Um Destino*, seção 6, p. 114 (grifo nosso). **“Queira-se, a propósito, reler o prólogo à Genealogia da Moral**. - A passagem diz: Qual a principal tese a que chegou um dos mais frios e ousados pensadores, o autor do livro sobre a *Origem dos sentimentos morais* (*lisez*[leia-se]: Nietzsche, **o primeiro imoralista**), **graças a suas cortantes e penetrantes análises da atividade humana?** “O homem moral não está mais próximo ao mundo inteligível do que o homem físico - **porque não existe mundo inteligível...**” Essa tese temperada e afiada sob golpes de martelo da cognição ( *lisez* : **tresvaloração de todos os valores**), talvez possa um dia, em algum futuro - 1890! - servir como machado para cortar pela raiz a “necessidade metafísica” da humanidade (...). Entendemos que nas citações acima Nietzsche está mais concentrado ou preocupado em apontar caminhos - e as dificuldades tais como o *nojo* ou o perigo do niilismo com o “último homem” - para uma tresvaloração dos valores, do que mostrar ao leitor o sensível pensador que sem dúvida ele é.

dos moralistas franceses<sup>77</sup>, ou talvez os superando, devido à profundidade de sua acuidade psicológica, Nietzsche desvenda o mecanismo comportamental, digamos assim, mais contraditório e surpreendente, pois vai ser ao mesmo tempo o resultado de tal comportamento que será o fundamento sobre o qual o homem ajuizará valores e construirá mundos. É constrangedor e, de uma certa forma, cômico, que a seriedade com que as morais são encaradas têm como origem, por assim dizer, uma fisiologia “confusa”, onde dor e prazer se mesclam para fundar com muita pompa e senso de sacralidade as valorações morais, quando tudo, na realidade, **não passa de um problema, como dirá Nietzsche, de fisiologia<sup>78</sup>, de um problema das vísceras, em suma, de uma dietética:**

Essas pequenas coisas - alimentação, lugar, clima, distração, toda a casuística do egoísmo - **são inconcebivelmente mais importantes do que tudo o que até agora tomou-se como importante. Nisto precisamente é preciso reaprender.** O que a humanidade até agora considerou seriamente não são sequer realidades, apenas construções; expresso com

<sup>77</sup> É sabida a admiração e também a enorme influência que Nietzsche recebeu dos escritores moralistas franceses do séc. XVIII. Essa admiração Nietzsche descreve de maneira eloqüente no *Schopenhauer como Educador 2*, p. 148: “ Não conheço senão um escritor que, por honestidade, eu coloco tão elevadamente, senão mais, do que Schopenhauer: é Montaigne. Na verdade, pelo fato de que um tal homem tenha escrito, o prazer de viver nesta terra foi aumentado (...) E, na seção 213 do *O Viandante e sua Sombra*: “Quando se lêem Montaigne, La Rochefoucauld, La Bruyère, Fontenelle (particularmente o diário dos mortos), Vauvenargues, Chamfort, **está-se mais perto da antigüidade do que não importa com qual grupo de seis autores de outro povo. Por esses seis escritores, o espírito dos últimos séculos da era antiga reviveu novamente**, - reunidos, eles formam um anel importante no grande anel contínuo da Renascença. Seus livros elevam-se para além de toda transformação do gosto nacional e dos matizes filosóficos, em que cada livro crê dever cintilar para tornar-se célebre; contêm mais idéias verdadeiras do que todas as obras da filosofia alemã em conjunto (...) Mas para formular um louvor bem legível, direi que **escritas em grego, suas obras teriam sido compreendidas pelos gregos** (...) Que eu não leia Pascal, mas o *ame* (...) Que eu tenha algo da petulância de Montaigne no espírito, quem sabe também no corpo; que meu gosto de artista defenda, não sem fervor, os nomes de Molière, Corneille e Racine contra um gênio agreste como Shakespeare: nada disso impede afinal que também os franceses mais recentes sejam para mim companhia encantadora. Não vejo absolutamente em que século da história se poderia pôr de lado psicólogos tão inquiridores e ao mesmo tempo tão delicados como na Paris de hoje: menciono como amostra – pois seu número não é pequeno – os senhores Paul Bourget, Pierre Loti, Gyp, Meilhac, Anatole France, Jules Lemaître, ou, para destacar um da raça forte, um autêntico latino ao qual sou especialmente afeiçoado, Guy de Maupassant (...) Onde reina, a Alemanha *corrompe* a cultura. Somente a guerra ‘redimiu’ o espírito na França...**Stendhal, um dos mais belos acasos de minha vida**”. *Ecce Homo, Por Que Sou Tão Inteligente*, III, p.41 (grifos nossos).

<sup>78</sup> Nietzsche nos diz no *Ecce Homo, Humano Demasiado Humano*, seção 3, p. 74, que, numa determinada época do seu percurso intelectual, depois de estar saturado da maneira “idealista” de ver o mundo, decidiu empreender uma crítica radical de todos os “idealismos”: “as *realidades* faltavam inteiramente em meu saber, e as ‘idealidades’ para que diabo serviam! – Uma sede abrasadora me tomou: **a partir de então ocupei-me apenas de fisiologia, medicina e ciências da natureza**” (grifo nosso).

mais rigor, *mentiras* oriundas dos instintos ruins de naturezas doentes, nocivas no sentido mais profundo – todos os conceitos: ‘Deus’, “alma”, “virtude”, “além”, “verdade”, “vida eterna”... Mas procurou-se neles a grandeza da natureza humana, sua “divindade”... Todas as questões da política, da ordenação social, da educação foram por eles falseados até a medula, por haver-se tomado os homens mais nocivos por grandes - **por ter-se ensinado a desprezar as coisas “pequenas”, ou seja, os assuntos fundamentais da vida mesma** <sup>79</sup>.

Quando Nietzsche fala de si e das “coisas pequenas”, como clima, alimentação, roupas, trabalho, arte, linguagem, casamento, crime, do nobre, do “escravo”, do suicídio, ele sempre está a dizer algo mais:

**Estimo tanto mais um filósofo quanto mais ele está em condições de servir de exemplo.** Ninguém duvida, por exemplo, de que ele pudesse arrastar no seu cortejo povos inteiros; a história da Índia, que é quase a história da filosofia hindu, comprova isso. **Mas o exemplo deve ser dado pela vida real** e não unicamente pelos livros; deve portanto ser dado, como ensinavam os filósofos da Grécia, pela **expressão do rosto**, pela **vestimenta**, pelo **regime alimentar**, pelos costumes, **mais ainda do que pelas palavras e sobretudo mais do que pela escrita.** Como estamos longe ainda, na Alemanha, desta corajosa visibilidade de uma vida filosófica” <sup>80</sup>.

**E como estamos, nós, ainda mais distantes da filosofia, nessa nossa triste época, onde a sobrevivência material, as vaidades e outros interesses colocaram o pensamento em segundo plano.**

Voltando a nossa questão, pensamos com Nietzsche que, nos “pequenos hábitos”, acreditamos poder encontrar inúmeros subsídios para refletir sobre que tipo de cultura e natureza humana emancipada da culpa ele tem em mente que não essa sombra que nós conhecemos como *homem*:

*Algo para povos trabalhadores.* – Quem hoje pretende estudar as coisas morais, abre para si um imenso campo de trabalho. Todas as espécies de paixões têm de ser examinadas individualmente, perseguidas através de tempos, povos, **grandes e pequenos indivíduos**; toda a sua razão, todas as suas valorações e clarificações das coisas devem ser trazidas à luz! **Até o momento, nada**

<sup>79</sup> *Idem, Por Que Sou Tão Inteligente*, seção 10, p. 50 (grifos nossos).

<sup>80</sup> NIETZSCHE, *Schopenhauer como Educador*, 3, **in** *Escritos Sobre Educação*, p. 150 (grifo nosso).

**daquilo que deu colorido à existência teve história: se não, onde está uma história do amor, da cupidez, da inveja, da consciência, da piedade, da crueldade?** Mesmo uma história comparada do direito, ou apenas do castigo, falta inteiramente até aqui. Já se tomou por objeto de pesquisa as diferentes divisões do dia?, as conseqüências de uma fixação regular do trabalho, das festas, do repouso? **Conhece-se os efeitos morais dos alimentos? Existe uma filosofia da alimentação?** (o alarido a favor ou contra o vegetarianismo, que volta e meia reaparece, **já mostra que ainda não há uma tal filosofia!**) Já foram reunidas as experiências de vida comunitária, as experiências dos mosteiros, por exemplo? Já foi mostrada a dialética do casamento e da amizade? Os costumes dos eruditos, dos comerciantes, artistas, artesãos – já encontraram seus pensadores? **Há tanto a pensar aqui!** Tudo o que os homens até agora consideraram suas “condições de existência”, e toda a razão, paixão e credence desta consideração – isto já foi pesquisado até o fim? Apenas a observação do crescimento diverso que tiveram e poderiam ter ainda impulsos humanos, conforme os diversos climas morais, já significa trabalho em demasia para o homem mais trabalhador; gerações inteiras, gerações de eruditos a trabalhar conjuntamente e de modo planejado, serão necessárias para esgotar aqui o material e os pontos de vista<sup>81</sup>.

Essas questões que Nietzsche denuncia terem sido consideradas como “coisas sem importância” para a filosofia, absolutamente desconsideradas, são, para nós, um dos pontos mais relevantes de sua filosofia e, em grande parte, a razão deste trabalho. Ninguém antes de Nietzsche reconheceu as questões corporais, a alimentação, o clima, os “baixos” e “indignos” sentimentos humanos, tais como a inveja, o ciúme, a cupidez, os hábitos, em suma, os comportamentos que totalizam o padrão comportamental das diversas culturas humanas como imprescindíveis para uma psicologia ou **genealogia** dos nossos medos e idiosincrasias, de nossos afetos e **de nossas apreciações morais**, evidentemente. Vejamos esta emblemática e contundente percepção de Nietzsche sobre a relevância da relação entre corpo e pensamento, ou filosofia:

---

<sup>81</sup> NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, livro I, seção 7, pgs. 59,60 (grifos nossos).

O inconsciente disfarce de necessidades fisiológicas sob o manto da objetividade, da idéia, da pura espiritualidade, vai tão longe que assusta – e **freqüentemente me perguntei se até hoje a filosofia, de modo geral, não teria sido apenas uma interpretação do corpo e uma má-compreensão do corpo.** Por trás dos supremos juízos de valor que até hoje guiaram a história do pensamento se escondem más-compreensões da constituição física, seja de indivíduos, seja de classes ou raças inteiras. Podemos ver todas as ousadas insânias da metafísica, em particular suas respostas à questão do *valor* da existência, antes de tudo como sintomas de determinados corpos; e se tais afirmações ou negações do mundo em peso, tomadas cientificamente, não têm o menor grão de importa, **fornecem indicações tanto mais preciosas para o historiador e psicólogo, enquanto sintomas do corpo, como afirmei, do seu êxito ou fracasso, de sua plenitude, potência, soberania na história, ou então de suas inibições, fadigas, pobreza, de seu pressentimento do fim, sua vontade de fim** <sup>82</sup>.

Quem sabe, por trás de um comportamento ascético, de um político ou um juiz ou legislador mal humorado, de um tirano que, por meio do medo e da intimidação mudou o rumo da História, levando a cabo grandes ou “pequenas” barbáries, não tenha tido como motivos noites mal dormidas, tristezas<sup>83</sup> subterrâneas, culpas e ressentimentos, uma sexualidade frustrada, uma alimentação e um clima inadequados? **Essas observações nada ortodoxas, no entanto, podem nos ajudar a compreender muito mais acerca da “natureza” humana e da “natureza” do *übermensch* que certos manuais de filosofia e “psicologia”.** Seguindo esse mesmo rastro para compreender melhor as vicissitudes humanas, além de Nietzsche, a perspicácia de Emile Cioran é extraordinária:

<sup>82</sup> *Idem, Prólogo*, seção 2, pgs. 11, 12 (grifos nossos).

<sup>83</sup> Em sua *Ética*, Spinoza, descreve de forma que nos lembra demais a concepção de Nietzsche que: “A afecção de tristeza é um ato, e esse ato não pode, por conseguinte, ser senão o ato pelo qual se passa para uma perfeição menor, isto é, o ato pelo qual **a capacidade de agir do homem é diminuída ou entravada**”. Spinoza, *Ética* III, p. 214 (grifo nosso).

<sup>83</sup> CIORAN, E. M. , *Breviário de Decomposição, Histeria da Eternidade* (grifo nosso).

Os santos foram grandes perversos, como as santas magníficas voluptuosas. Ambos – loucos de uma só idéia – transformaram a cruz em vício. A **“profundidade” é a dimensão dos que não podem variar seus pensamentos e seus apetites, e que exploram uma mesma região do prazer e da dor (...)**

Na medida em que nos estabelecemos neste mundo, no imediato, onde as vontades se enfrentam, onde faz estragos o apetite de ser o primeiro, **um pequeno vício é mais eficaz do que uma virtude.** A dimensão *política* dos seres (entendendo por política o coroamento do biológico) salvaguarda o reino dos atos, o reino da abjeção dinâmica. **Conhecer a nós mesmos é identificar o motivo sórdido de nossos gestos, o inconfessável inscrito em nossa substância, a soma de misérias patentes ou clandestinas das quais depende nossa eficácia. Tudo o que emana das zonas inferiores de nossa natureza está investido de força, tudo o que vem de baixo estimula: produzimos e rendemos mais por inveja e rapacidade do que por nobreza e desinteresse**

84

Agora que empreendemos uma análise do “nobre” ou do *pathos* aristocrático - do homem desvencilhado do remorso e que pauta sua vida não só pela razão, mas, principalmente, pela afirmação de seus impulsos - e seu antípoda, o “último homem”, ou o homem da “má consciência” - tentaremos ver o que Nietzsche “quer dizer” quando concebe o *übermensch*, e demonstrar que este personagem foi concebido como uma possibilidade concreta e não como um ideário utópico para ser contemplado apenas.